



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes

Juliana Faria Rodrigues

**Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da  
abordagem investigativa: autocuidado e promoção da saúde no ensino  
médio**

Rio de Janeiro

2022

Juliana Faria Rodrigues

**Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da abordagem  
investigativa: autocuidado e promoção da saúde no ensino médio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biologia, em Rede Nacional, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Moreira Silva de Meirelles

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CB-A

R696 Rodrigues, Juliana Faria.

Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da abordagem investigativa: autocuidado e promoção da saúde no ensino médio / Juliana Faria Rodrigues – 2022.

82f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Moreira Silva de Meirelles

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. Pós-graduação em Ensino de Biologia.

1. Educação sexual para adolescentes – Teses. 2. Educação sexual nos livros didáticos – Teses. 3. Educação Sexual – Métodos de ensino – Teses. 4. Biologia – Ensino médio – Teses. I. Meirelles, Rosane Moreira Silva de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. III. Título.

CDU 575.1

Bibliotecário: Felipe Caldonazzo  
CRB7/7341

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Juliana Faria Rodrigues

**Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da abordagem  
investigativa: autocuidado e promoção da saúde no ensino médio**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biologia, em Rede Nacional, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 31 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:



Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Moreira Silva de Meirelles (Orientadora)  
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes – UERJ



Prof.<sup>a</sup> Dra. Silene de Paulino Lozzi  
Universidade de Brasília



Prof.<sup>a</sup> Dra. Débora de Aguiar Lage  
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – UERJ

Rio de Janeiro

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a força necessária para continuar minha formação em tempos tão difíceis. Agradeço ao meu coordenador da graduação Carlos Alfredo Cardoso que sempre me incentiva a crescer profissionalmente e mesmo após alguns anos de formados, ainda lembra de nós e nos alerta sempre que há algo de novo na área para nossa qualificação. Agradeço a família que se torna o suporte e a base para que a caminhada rumo a novas conquistas e desafios seja mais amorosa e acolhedora. Agradeço aos colegas de jornada PROFBIO pela troca sempre tão colaborativa e à orientadora da minha dissertação Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane M.S de Meirelles por sua paciência e dedicação comigo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

RODRIGUES, Juliana Faria. **Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da abordagem investigativa**: autocuidado e promoção da saúde no ensino médio. 82 f. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) – Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Considerando os aspectos formativos na construção da identidade dos estudantes, prioritariamente na adolescência, percebe-se o papel fundamental dos atores sociais – escola, família, estudantes – na sensibilização para o cuidado do próprio corpo e sexualidade. Na presente dissertação objetivou-se a elaboração de uma sequência didática investigativa (SDI) para alunos do Ensino Médio, com a finalidade de trabalhar conceitos em educação sexual à luz da abordagem investigativa. Foi realizada a análise documental em três livros didáticos de Biologia disponíveis no PNLD 2021 sobre a abordagem da educação sexual. Os temas menos citados no levantamento foram “diversidade sexual” e “orientação sexual”, os quais foram incluídos nas etapas da sequência didática elaborada. Espera-se, assim, contribuir para a atividade docente com relação à temática educação sexual nas escolas, lembrando a docentes e poder público a importância da discussão e naturalização do tema para que o autocuidado ocorra como prática cotidiana de promoção à saúde.

Palavras-chave: Ensino por investigação. Adolescência. Educação sexual. Promoção da saúde. Sequência didática.

## ABSTRACT

RODRIGUES, Juliana Faria. *Elaboration of a didactic sequence on sex education in the light of the investigative approach: self-care and health promotion in high school*. 82 f. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) – Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Considering the formative aspects in the construction of the students' identity, mainly in adolescence, the fundamental role of social actors – school, family, students – is perceived in raising awareness of the care of their own body and sexuality. The present dissertation aimed at the elaboration of an investigative didactic sequence (SDI) for high school students, with the purpose of working on concepts in sex education in the light of the investigative approach. A document analysis was carried out in three Biology textbooks available in the PNLD 2021 on the approach to sex education. The least mentioned themes in the survey were “sexual diversity” and “sexual orientation”, which were included in the stages of the elaborate didactic sequence. It is expected, therefore, to contribute to the teaching activity in relation to the issue of sex education in schools, reminding teachers and public authorities of the importance of discussing the topic.

Keywords: Teaching by investigation. Adolescence. Sex education. Health promotion. Following teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa do primeiro livro analisado .....	28
Figura 2	Imagem retirada do livro ilustrando a anatomia do sistema reprodutor feminino .....	30
Figura 3	Imagem retirada do livro ilustrando a anatomia do sistema reprodutor Masculino .....	30
Figura 4	Gráficos retirados do livro que ilustram a variação das taxas dos hormônios FSH e LH relacionado-os com o ciclo menstrual .....	31
Figura 5	Imagem retirada do livro que ilustra a fecundação e as primeiras fases do desenvolvimento embrionário.....	31
Figura 6	Imagem retirada do livro que ilustra o desenvolvimento do embrião .....	32
Figura 7	Capa do segundo livro analisado .....	33
Figura 8	Quadro retirado do livro que explica a mudança de nomenclatura DST para IST .....	34
Figura 9	Quadro retirado do livro com sugestões de atividades em grupos .....	35
Figura 10	Capa do terceiro livro analisado .....	36



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Descrição das categorias analisadas nos livros didáticos analisados .....	26
Quadro 2	Categorias analisadas no primeiro livro .....	33
Quadro 3	Categorias analisadas no segundo livro .....	35
Quadro 4	Categorias analisadas no terceiro livro .....	37
Quadro 5	Quadro retirado do livro com sugestão de atividade utilizando a abordagem investigativa .....	40
Quadro 6	Glossário de termos e frases .....	45
Quadro 7	Dados coletados, os pontos de convergência e divergência .....	46

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BSH	Brasil sem Homofobia
ESH	Escola sem Homofobia
FSH	Hormônio Folículo Estimulante
HPV	Papilomavírus Humano
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LH	Hormônio Luteinizante
MESP	Movimento Escola sem Partido
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PSE	Programa Saúde na Escola
SD	Sequência Didática
SDI	Sequência Didática Investigativa
SEI	Sequência de Ensino Investigativa
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unifeso	Centro Universitário Serra dos Órgãos

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>OBJETIVOS</b> .....	15
1.1	<b>Objetivo geral</b> .....	15
1.2	<b>Objetivos específicos</b> .....	15
2	<b>LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO</b> .....	16
2.1	<b>Educação Sexual na Escola</b> .....	16
2.2	<b>Autocuidado na Adolescência</b> .....	17
2.3	<b>Educação Sexual nos Livros Didáticos</b> .....	18
2.4	<b>Sequência Didática</b> .....	19
3	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	21
3.1	<b>Ensino Investigativo e Alfabetização Científica</b> .....	21
4	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	25
5	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	27
5.1	<b>Análise dos livros didáticos</b> .....	27
5.2	<b>Proposta de intervenção – Sequência didática investigativa (SDI)</b> .....	41
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
	<b>APÊNDICE A</b> .....	54
	<b>APÊNDICE B</b> .....	57
	<b>APÊNDICE C</b> .....	62

## APRESENTAÇÃO

**Formação e atuação profissional:** Licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – Unifeso; Especialização em Ensino de Biologia pela Universidade Cândido Mendes; docente na disciplina de Biologia como servidora no Governo do Estado do Rio de Janeiro. Atuo na coordenação de curso Técnico em Análises Clínicas no Centro Técnico e Profissionalizante Centena em Teresópolis – RJ.

### Motivação

Em minha vivência na sala de aula já me deparei com algumas jovens adolescentes em situação de gravidez precoce, e, na maioria das vezes, essas jovens abandonaram a escola. Vivenciei também a necessidade e a busca dos meus alunos adolescentes por informações sobre métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e demais assuntos sobre saúde e sexualidade. Sempre dei abertura para que meus alunos ficassem à vontade para perguntar e sanar suas dúvidas, porém, o pouco tempo e um currículo a ser seguido na disciplina, por vezes me impede de aprofundar no assunto.

Acho fundamental a abordagem desse tema na escola, pois, muitas vezes a escola é o único espaço de socialização e aprendizado do aluno. Não é raro, alunos relatarem que não podem conversar sobre saúde sexual com suas famílias porque elas não dão abertura para tratar tal assunto ou por causa da religião dos pais.

Assim, a motivação para este estudo advém da experiência docente no convívio com alunas que se encontram em situação de gravidez precoce, mais atualmente, os conflitos inerentes a identidade de gênero e também através da percepção do papel fundamental, e muitas vezes negligenciado, da escola nas ações para estimular a educação sexual. É urgente a quebra de tabus, e assim, espero contribuir com os dados desta dissertação, para que haja mais espaço para a temática educação sexual nas escolas, com a normalização desse tema e a capacitação de professores.

## INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase da vida humana onde ocorre maior mudança no indivíduo, tanto do ponto de vista social quanto individual. É nesse período que os jovens despertam para a sexualidade e se deparam com os conflitos referentes ao período de transição de uma criança para um indivíduo adulto (MOREIRA, *et al.*, 2008).

O espaço escolar torna-se fundamental na formação de indivíduos conscientes em relação ao autocuidado, preservação do corpo e sexualidade. Levando em consideração os aspectos formativos na construção da identidade dos estudantes, prioritariamente na adolescência, percebe-se o papel fundamental dos atores sociais – escola, família, estudantes – na sensibilização para o cuidado do próprio corpo nesta fase na qual os estudantes são tão vulneráveis a contrair infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e também a gravidez precoce que poderá ocasionar o abandono escolar (SOUZA *et al.*, 2018). Os autores destacam ainda a relação direta da evasão escolar de estudantes que engravidaram precocemente, trazendo graves consequências para a vida da jovem mãe e filhos, uma vez que a escolarização é fator preponderante para ascensão social e econômica.

Segundo o Guia prático do Departamento Científico de Adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), estudos recentes mostram que a taxa de gravidez na adolescência no Brasil é de 400 mil casos por ano. Isso se dá por uma série de fatores que vão desde a falta de informação sobre sexualidade, sobre direitos sexuais e reprodutivos até a falta de um projeto de vida e expectativas de futuro, educação, pobreza, famílias disfuncionais e vulneráveis, entre outros. O guia aponta ainda a importância da educação sexual no âmbito familiar e escolar como principal fator de prevenção, não só da gravidez na adolescência, mas também das infecções sexualmente transmitidas. Esse cenário de desinformação traz à tona uma série de complicações na vida desses jovens, o abandono escolar é uma dessas complicações.

Atualmente, o documento que norteia as questões educacionais curriculares no Brasil é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), porém, há poucas informações sobre a temática educação sexual prevista para a etapa do ensino médio. A habilidade da competência específica

de número dois (2) do referido documento pode se aproximar da temática (mas sem citar a “educação sexual”) ao citar como objetivos:

Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar (BRASIL, 2017 p. 557).

A escola é lugar essencial para tratar a temática educação sexual, visto que é um espaço pedagógico com a intenção de informar e formar indivíduos. Além disso, em comunidades onde ocorre a educação sexual na escola percebe-se eficiente redução nos índices de gestações na adolescência e, também, jovens que recebem orientação sexual na escola têm mais consciência da importância do uso de preservativos nas suas relações sexuais (SAITO; LEAL, 2000).

Segundo Teixeira (2010), a escola tem receio de tratar as questões sexuais porque acha que assim despertará o interesse dos alunos por relações sexuais precocemente. Como se não falar no assunto fosse fazê-los esquecer da sua sexualidade ou deixá-la fora dos portões da escola. Ainda segundo a autora, a educação sexual, tanto na família quanto na escola, é fundamental para que os jovens não fiquem vulneráveis a uma série de agravos por falta de orientação e informação (TEIXEIRA, 2010).

Um fator agravante observado na prática docente é certa negligência por parte da comunidade escolar, em tratar os assuntos relacionados à sexualidade. Isso acontece por conta de questões religiosas – no caso dos pais – e no caso da escola, percebe-se o temor do que os pais vão achar de seus filhos estarem tratando esses assuntos na escola e também a falta de tempo dos professores para tratarem a educação sexual, visto que esse é um tema transversal, a grade curricular das disciplinas é extensa e o tempo é curto (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

Em estudo realizado por Folino e Lage (2018), observou-se a importância da educação sexual para alunos do ensino médio, uma vez que foi percebida a falta de conhecimento de alguns conceitos sobre sexualidade, tais como identidade de gênero e orientação sexual.

Em relação aos professores, ocorre também certa defasagem na formação inicial e continuada no que diz respeito à temática sexualidade (GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015). Dos vinte e três professores entrevistados na referida pesquisa, apenas cinco tinham conhecimento sobre os documentos oficiais que tratam a sexualidade, tais como, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Plano Nacional da Educação (PNE) e a BNCC. Percebe-se

assim, a necessidade da quebra de tabu que se arrasta há muito tempo, ou seja, por que é tão difícil tratar a temática sexualidade em sala de aula? Os autores expõem ainda a necessidade de se implantar a temática nos cursos de licenciatura como tentativa de melhorar a preparação desses profissionais para atuar em sala de aula.

É comum observar que o pouco que se trata de sexualidade na escola, fica a cargo das disciplinas de Ciências e Biologia, priorizando aspectos biológicos e não considerando os aspectos psicológicos e sociais da sexualidade na adolescência. Este modelo tradicional de ensino não tem se mostrado eficiente, sendo importante se repensar sobre a necessidade de um enfoque mais direcionado, de uma fala mais aberta e principalmente do uso de recursos tecnológicos para fomentar e melhorar essa troca de saberes entre professores e alunos (MANO; GOUVEIA; SCHALL, 2009).

Segundo Carvalho (2018), o ensino por investigação é definido como a aplicação e o desenvolvimento dos conteúdos programáticos através da criação de condições em sala de aula para que os alunos sejam capazes de pensar, argumentar, interpretar leituras criticamente e, por fim, escrever com clareza as ideias expostas acerca de determinado assunto. Ainda segundo a autora supracitada, para um bom aproveitamento do ensino por investigação, são necessários dois conceitos importantes: liberdade intelectual e elaboração de problemas. Sendo o primeiro fundamental para que os estudantes se sintam à vontade para expor suas opiniões e conhecimentos acerca do problema elaborado pelo professor e, juntos, desenvolverem o plano de trabalho.

Neste contexto, esse trabalho pretende apresentar a proposta de elaboração de uma sequência didática, com atuação protagonista dos alunos, para fomentar ações sobre a temática educação sexual no currículo do ensino médio.

## **1 OBJETIVOS**

### **1.1 Objetivo Geral**

Fomentar a discussão sobre educação sexual para o ensino médio a fim de sensibilizar os estudantes com relação aos cuidados inerentes à sexualidade.

### **1.2 Objetivos Específicos**

- a) Analisar livros didáticos sobre a abordagem da educação sexual no currículo do Ensino Médio;
- b) Elaborar uma sequência didática investigativa visando à sensibilização de adolescentes à luz da abordagem investigativa.



## 2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

### 2.1 Educação Sexual na Escola

A sexualidade é algo que se constrói e se aprende, sendo parte fundamental do indivíduo, na formação da personalidade e capaz de interferir no processo de aprendizagem do adolescente e na sua saúde física e mental (BRÊTAS *et al.*, 2011). A família e a escola são os principais responsáveis pela educação sexual dos adolescentes sendo fundamental o papel do professor como educador sobre o tema e na atualização dos seus próprios conhecimentos para estar apto a trabalhar a temática.

É sabido que falar sobre sexualidade na escola não é tarefa fácil, tanto pela resistência da família em atuar concomitante a escola como pela formação docente (FIGUEIRÓ, 2007). Segundo o autor, é fundamental que os professores naturalizem a sexualidade, proponham atividades que deixem os alunos a vontade para falar e não temam o assunto, promovendo por exemplo, um debate aberto, uma dramatização e/ou dinâmicas diversas.

A educação sexual na escola combinada à participação familiar pode ser trabalhada de diversas formas e com diversos objetivos. Como por exemplo, em análise feita por (FAGUNDES, 2007), os autores mostraram que a educação sexual na escola com a participação da família pode promover reflexões, discussões e ações em combate a uma série de problemas relacionados a sexualidade, como a violência sexual, a gravidez na adolescência, o sexismo e principalmente tornar os cidadãos cientes dos direitos de viver plenamente a sexualidade.

Furlani (2017), apresenta de maneira crítica e didática uma série de observações a respeito da educação sexual na escola. Para a autora, é urgente que se rompam barreiras e tabus na educação sexual e que o espaço escolar e professores nas salas de aula possam tratar temas que vão além de conceitos biológicos, tais como, identidade de gênero, respeito às diferentes orientações sexuais, aprender desde criança a reconhecer limites para manipulação

de seus corpos, como forma de evitar os abusos sexuais na infância, entre outros assuntos de suma importância para uma educação sexual plena.

Levando a discussão para o âmbito da educação formal, a escola adquire, assim, importância fundamental. Primeiro, porque é no processo de escolarização que o conhecimento sobre as relações humanas de desigualdades em relação ao gênero, raça, etnia, orientação sexual se produzem e se reforçam; segundo, porque é na escola que, a partir desses conhecimentos, as diferentes identidades serão formadas e reforçadas nas crianças, nos jovens e nos adultos; terceiro, porque todos esses significados e as representações construídas na sociedade estão latentes nessa instituição que lida, ao mesmo tempo, com o espaço privado (doméstico) e o espaço público (FURLANI, 2017, p. 119).

## 2.2 Autocuidado na Adolescência

A adolescência é a etapa da vida de intensa mudança no indivíduo, mudanças fisiológicas e psicossociais que podem proporcionar certa vulnerabilidade ao adolescente, deixando-o exposto a riscos como a gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis (COSTA; SILVA *et al.*, 2016). A realização de ações conjuntas entre profissionais da saúde e educação são bem produtivas, uma vez que permite trazer para o espaço escolar, ações de promoção a saúde. Outro ponto discutido pelos autores é a importância da formação e capacitação de professores para lidar com a temática educação sexual em sala de aula a fim de promover consciência nos estudantes para os cuidados com a própria saúde.

Um estudo realizado por Carneiro e colaboradores (2015) observou a implementação de uma oficina sobre prevenção de ISTs, desenvolvida por acadêmicos de enfermagem para estudantes do ensino médio. Essa ação mostrou-se muito produtiva, promovendo interação entre saúde e educação, proporcionando um espaço de debate, reflexão e discussão sobre sexualidade, saúde e bem-estar social, corroborando para a importância e urgência em ações que promovam a educação sexual nas escolas.

Em análise de Sousa e colaboradores (2018), os autores relatam a direta relação da gravidez precoce com a evasão escolar. O objetivo do referido estudo era o de analisar os fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez em Teresina, Piauí

e foi constatado que 94,4% das jovens pesquisadas afirmaram ter interrompido os estudos em algum momento da vida, das quais 54%, efetivamente, abandonaram os estudos.

### 2.3 Educação Sexual nos Livros didáticos

De acordo com estudo realizado por Santos e colaboradores (2019), com relação à temática educação sexual nos livros didáticos, percebe-se que os mesmos abordam assuntos tais como, a anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais, reprodução humana, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e deixam de fora muitos assuntos relacionados à educação sexual, como, por exemplo, a diversidade de gênero, a gravidez na adolescência e aspectos sociais relacionados com a sexualidade, tal como, identidade de gênero e preconceito.

Em análise realizada por Ferreira e colaboradores (2020) em duas coleções bastante usadas por professores de Biologia (*Biologia Hoje e Biologia em Contexto*) foi observada a abordagem superficial da educação sexual nos mesmos. A análise foi categorizada em “Concepção Biologicista” e “Aspectos Sociais”, sendo essa segunda categoria ainda menos, ou nunca abordada, com relação a primeira.

Assis e colaboradores (2020) analisaram dez das principais coleções utilizadas por professores de Biologia. O foco da análise era a busca por informações sobre o *Papilomavírus Humano* (HPV) e o cerne da pesquisa era mostrar como o livro didático é importante até mesmo como fonte de informação para estudantes e a consequente promoção da saúde desses jovens. A análise mostrou que o tema em questão é abordado nos livros de maneira superficial, sem dados epidemiológicos, a vacina disponível gratuitamente no calendário nacional de imunização para combate ao vírus não é destacada nas obras analisadas.

Machado e Selles (2021) em sua pesquisa apontam ainda a questão política atual no Brasil que visa um governo mais conservador que acaba por dificultar ainda mais a abordagem de assuntos relacionados à educação sexual na esfera educacional, por vezes até mesmo censurando materiais didáticos que seriam distribuídos nas escolas do país por conterem assuntos relacionados a temática em questão, alegando não serem adequados para a faixa etária direcionada.

Em sua pesquisa intitulada “*Educação Sexual em livros didáticos de Ciências: abordagens culturais e silenciamento*”, Machado e Selles (2021) analisaram sete livros didáticos de ciências do 8º ano do ensino fundamental e observaram que em todos eles havia a abordagem biológica e comportamental no que diz respeito a educação sexual, porém, a abordagem socioambiental e cultural não foi tão expressa quanto a primeira.

## 2.4 Sequência didática

As sequências didáticas são, segundo Zabala (1998) “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos [...] (ZABALA, 1998 p.18). A sequência didática surgiu no início dos anos 1980, na França, com o objetivo de melhorar o processo de ensino do idioma francês. Porém, no Brasil a sequência didática começou a ser divulgada a partir de 1990 com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (OLIVEIRA, 2013). De acordo com Oliveira (2013), a sequência didática é um procedimento para a sistematização do processo ensino-aprendizagem onde é fundamental a participação ativa dos alunos. Essa participação deve ocorrer durante todo o procedimento, desde o início do planejamento das ações até a entrega dos resultados.

É sabido que cada vez mais professores têm a necessidade de se apropriarem de novos métodos para alcançarem melhores resultados na prática docente, para além do modelo tradicional. Visto isso, a sequência didática (SD) é uma ferramenta que tem como objetivo o aprimoramento da prática pedagógica para melhorar o aproveitamento no processo de ensino aprendizagem (UGALDE; ROWEDER, 2020).

Ainda segundo Ugalde e Roweder (2020), as atividades educativas organizadas em sequência didática, se bem planejadas, trazem a possibilidade de um ensino mais produtivo por ter característica dinâmica e levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, por estimular sua autonomia de pensar criticamente. E a possibilidade de poder ser implementada em qualquer fase do ensino, desde a educação infantil até o ensino médio.

Silva e Saraiva (2020) descrevem o quão proveitoso foi a aprendizagem utilizando-se de uma sequência didática como metodologia de ensino. Segundo os autores, os alunos foram os protagonistas do aprendizado se envolvendo plenamente nas atividades propostas, sendo capazes de pensar e tentar desenvolver soluções para problemas ambientais e, por meio de avaliação ao final da SD, percebeu-se efetiva aprendizagem e conscientização dos alunos com as causas ambientais.

Cavalcante, Ferreira e Da Silva (2021) utilizaram uma sequência didática de dez etapas para alunos do ensino fundamental com o objetivo de sensibilizar os alunos sobre a importância ambiental das bromélias. Os autores relataram que foi possível observar a participação ativa dos alunos, sendo possível direcionar as discussões para questões mais complexas. Neste contexto, esta dissertação se apropriou desta importante estratégia de ensino como subsídio para a discussão sobre educação sexual, assim como da abordagem investigativa, como referencial teórico, que será relatado a seguir.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Ensino Investigativo e Alfabetização Científica

Faz-se cada vez mais necessário ao ensino de ciências a participação ativa dos estudantes, com a utilização dos seus conhecimentos prévios e suas experiências cotidianas, o estudo através de descobertas, raciocínio próprio e a formação de juízo sobre os fenômenos estudados (SASSERON, 2018). O ensino investigativo é pautado na prática científica da construção de hipóteses e explicações para determinado fenômeno, na busca de soluções para problemas, ou seja, o ensino por investigação é uma reformulação do ensino tradicional geralmente baseado em transmissão de conceitos pré-estabelecidos (SASSERON, 2018).

O professor possui o importante papel de mediar o ensino por investigação através da formulação de questões que induzam os estudantes a interpretar evidências científicas de forma a não terem simples acesso a dados, mas que sejam capazes de construir conclusões acerca de assuntos complexos (TRIVELATO; TONIDANDEL, 2015).

A proposição de um problema é o que, basicamente, diferencia uma atividade investigativa de uma atividade expositiva. O problema pode levar o aluno para pensar e tentar achar respostas com certa autonomia intelectual. Já em um modelo de atividade expositiva, o aluno é apenas um ouvinte e intérprete do que o professor está transmitindo a ele. Quando o professor propõe um problema ele deixa de ser apenas o transmissor do conteúdo e passa a ser um orientador e mediador na construção de novos conhecimentos do seu aluno (CARVALHO, 2021).

Para Solino e Sasseron (2018), a capacidade de resolver problemas está diretamente ligada à alfabetização científica. No contexto de sequência didática investigativa ou sequência de ensino investigativa (SEI) os problemas se apresentam de duas formas complementares: os problemas previamente elaborados pelo professor para serem trabalhados em sala de aula e os novos problemas que vão surgindo ao longo do desenvolvimento da SEI.

Para Carvalho (2021), o erro é uma importante ferramenta na construção de novos conhecimentos, pois é muito difícil o aluno chegar a uma resposta para um problema logo no início, é preciso dar tempo para ele pensar, errar e tentar novamente até chegar ao acerto. Para a autora isso é a liberdade intelectual dos alunos.

A atuação do professor no processo de ensino investigativo é outro ponto a ser observado. Segundo Carvalho (2018), a transição da metodologia tradicional de ensino para a metodologia de ensino por investigação não é tarefa fácil, porém, é possível desde que a formação dos professores também tenha essa proposta metodológica. É preciso que os professores, enquanto estudantes nos cursos de licenciatura, também tenham liberdade intelectual para discutir sobre tal aspecto.

Outro ponto importante para que o ensino investigativo aconteça em sua plenitude é o que chamamos de *alfabetização científica*. Para Sasseron (2015), a alfabetização científica é um processo contínuo que envolve a capacidade de interação entre diversos saberes científicos e deve estar sempre em construção.

A alfabetização científica pode trazer ao estudante a possibilidade de compreensão do mundo natural, a capacidade de tomar decisões, de conhecer as inúmeras utilidades da ciência em favor próprio e coletivo. Assim como também ter a capacidade de perceber o lado negativo (da ciência) e como ela pode trazer prejuízos se mal empregada (CHASSOT, 2003).

Segundo Sasseron (2015), existem três eixos estruturantes da alfabetização científica, são eles:

(a) a compreensão básica de termos e conceitos científicos, retratando a importância de que os conteúdos curriculares próprios das ciências sejam debatidos na perspectiva de possibilitar o entendimento conceitual; (b) a compreensão da natureza da ciência e dos fatores que influenciam sua prática, deflagrando a importância de que o fazer científico também ocupa espaço nas aulas de mais variados modos, desde as próprias estratégias didáticas adotadas, privilegiando a investigação em aula, passando pela apresentação e pela discussão de episódios da história das ciências que ilustrem as diferentes influências presentes no momento de proposição de um novo conhecimento; e (c) o entendimento das relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, permitindo uma visão mais completa e atualizada da ciência, vislumbrando relações que impactam a produção de conhecimento e são por ela impactadas, desvelando, uma vez mais, a complexidade existente nas relações que envolvem o homem e a natureza (SASSERON, 2015, p.57).

Outro fato a ser considerado na alfabetização científica e, por consequência, no ensino por investigação, é a capacidade dos alunos de criar argumentos coerentes diante de uma situação-problema dada pelo professor. Sasseron e Carvalho (2011), propõem para que os alunos sejam capazes de criar argumentos válidos é fundamental que o professor os estimulem com perguntas do tipo que os façam recordar conhecimentos já adquiridos ou construir uma base com as novas informações, perguntas que levem os alunos a discutir questões que verdadeiramente estejam ligadas ao fenômeno estudado, perguntas que levem os alunos a buscar correspondências entre diferentes variáveis ligadas ao fenômeno estudado.

O trabalho em grupo também é considerado um grande aliado do ensino por investigação. Uma vez que proporciona interação entre os alunos, a troca de ideias e experiências, a criação de hipóteses em coletivo. Tudo isso permite que o processo de ensino torne-se mais rico, motivador e produtivo (SEDANO; CARVALHO, 2017).

Para Sedano e Carvalho (2017), o trabalho em grupo no ensino por investigação proporciona a interação social que desencadeia um fenômeno ainda mais importante: a autonomia moral. A autonomia moral é a capacidade que o indivíduo adquire de decidir por si próprio, quais as atitudes e decisões são mais pertinentes dentro do contexto no qual está inserido.

Outro aspecto relevante no ensino por investigação é o fato de o aluno estar em contato com novas informações, ou seja, nas atividades investigativas é necessário o contato com novas informações obtidas pelos próprios alunos. A divulgação e compartilhamento dessas novas informações pode e deve ser feita por meio da oralidade ou da escrita (ZÔMPERO; LABURÚ, 2011).

O ensino por investigação no Brasil ainda é algo novo, tendo como base os Estados Unidos que já praticam o ensino investigativo oficialmente desde 1996 com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais Norte-Americanos para o Ensino de Ciências (MUNFORD; CASTRO; LIMA, 2007).

Essas autoras trazem uma reflexão interessante para a aplicabilidade do ensino por investigação. Segundo Munford, Castro e Lima (2017), a ciência escolar atualmente está muito distante da ciência acadêmica, isto se dá por uma série de motivos, tal como, a ciência escolar visa trazer elementos prontos para o ensino das ciências, já a ciência acadêmica é baseada em



produzir novos conhecimentos. Visto isso, as autoras apontam a importância do ensino por investigação para aproximar a ciência escolar da ciência dos cientistas.

Ainda segundo Munford, Castro e Lima (2017), ocorrem alguns equívocos na interpretação do que é de fato o ensino por investigação. Por vezes tem-se a ideia de que só atividades experimentais são investigativas e, que na verdade, muitas atividades experimentais não têm nenhum caráter investigativo e por outro lado atividades que não são práticas podem ser até mais investigativas, dependendo da situação.

#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo possui uma abordagem qualitativa, que pode ser definida como análise documental com resultados aplicados na prática docente. Segundo Lüdke e André (1986), esta abordagem é caracterizada pela investigação de informações em um determinado contexto, utilizando dados estáveis e confiáveis. A fim de construir uma proposta didática com a temática educação sexual, para estudantes do ensino médio, inicialmente foi realizada uma análise documental em três coleções de livros didáticos disponíveis no PNLD 2021 para o ensino médio: a coleção *Moderna Plus – Ciências da Natureza e suas Tecnologias*, a coleção *Conexões – Ciências da Natureza e suas tecnologias* e a coleção *Ciências da Natureza – Lopes & Rosso*. Como critérios de inclusão foram analisados livros de Biologia que tivessem a proposta atualizada segundo a Base Nacional Comum Curricular (documento vigente como política pública para a construção curricular na educação básica).

A metodologia utilizada para a análise dos livros didáticos foi a categorização. Segundo Galiazzi e Moraes (2005):

Cada categoria corresponde a um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são construtos linguísticos, não tendo por isso limites precisos. Daí a importância de sua descrição cuidadosa, sempre no sentido de mostrar aos leitores e outros interlocutores as opções e interpretações assumidas pelo pesquisador (GALIAZZI; MORAES, 2005, p.116).

A análise buscou observar a frequência com que foi abordado temas em educação sexual, a quantidade de figuras, gráficos e/ou tabelas que ilustram o tema, os assuntos que foram abordados em educação sexual e ainda a presença ou ausência de atividades investigativas nas obras relacionadas ao tema. O quadro 1 abaixo apresenta as categorias criadas:

Quadro 1: descrição das categorias analisadas nos livros didáticos

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
<b>A</b>	Número de páginas que abordam assuntos da temática educação sexual
<b>B</b>	Número de figuras que ilustram a temática “educação sexual” existentes na obra
<b>C</b>	Assuntos relacionados à temática “educação sexual” abordados na obra
<b>D</b>	Atividades investigativas sobre o tema sugeridos pela obra

Após tal categorização e considerando os dados levantados, foi construída uma sequência didática utilizando a abordagem investigativa com base nos conhecimentos prévios dos alunos e levantamento de hipóteses dos mesmos.

Para Trivelato e Tonidandel (2015), existem alguns aspectos relevantes para a elaboração de sequências didáticas no ensino por investigação. São eles: a proposição de um problema, a obtenção de dados, os dados iniciais, a elaboração da hipótese e a construção de afirmações.

Visto isso, a elaboração da referida sequência didática levou em consideração o pouco que se trata a temática educação sexual nas escolas e, como uma das consequências disso, a falta de conhecimento por parte dos alunos de onde buscar dados científicos sobre o tema. A base de dados sugerida para as buscas de informações é o Google Acadêmico sob a supervisão e orientação do professor.

A sequência didática elaborada utiliza a abordagem investigativa uma vez que propõe a discussão em grupos, a elaboração de argumentos e hipóteses, a resenha crítica de filme e a possibilidade de reformular questões propostas no início das atividades.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Análise dos livros didáticos

Foram analisadas três coleções de livros didáticos disponíveis no PNLD 2021 para o ensino médio: a coleção *Moderna Plus – Ciências da Natureza e suas Tecnologias*, a coleção *Conexões – Ciências da Natureza e suas tecnologias* e a coleção *Ciências da Natureza e suas tecnologias – Lopes & Rosso*. Os livros analisados foram classificados pelos títulos e autores.

Foi feita a leitura flutuante dos capítulos em busca da abordagem de assuntos dentro da temática educação sexual, sendo categorizada por número de páginas que abordaram o assunto, número de figuras que ilustram o assunto, os assuntos em educação sexual que são abordados e a quantidade de atividades investigativas propostas na obra.

**Primeiro livro analisado: Título: *Moderna Plus – Ciências da Natureza e suas Tecnologias***  
**Autores: José Mariano Amabis, Gilberto Rodrigues Martho, Nicolau Gilberto Ferraro, Paulo César Martins Penteado, Carlos Magno A. Torres, Júlio Soares, Eduardo Leite do Canto, Laura Celloto Canto Leite.**

Figura 1 – Capa do primeiro livro analisado



A obra possui seis volumes, sendo eles:

Volume 1 – O Conhecimento Científico

Volume 2 – Água e Vida

Volume 3 – Matéria e Energia

Volume 4 – Humanidade e Ambiente

Volume 5 – Ciência e Tecnologia

Volume 6 – Universo e Evolução

No início de cada volume da coleção existe uma extensa parte que se dedica a caracterizar a obra dando informações sobre a organização da coleção, as competências das BNCC que são desenvolvidas, sugestões de produção de mídias digitais, sugestão de plano de aula usando a coleção, avaliação e referências bibliográficas complementares.

Além disso, a obra traz orientações específicas do volume e faz uma breve introdução de cada capítulo. Como por exemplo, no volume 4 – capítulo 11 Reprodução humana:

***Metas do capítulo***

- *Conhecer os principais órgãos que compõem o sistema genital feminino.*
- *Conhecer os principais órgãos que compõem o sistema genital masculino.*

- *Compreender as contribuições do gameta feminino e do gameta masculino no processo de fecundação.*
- *Aplicar os conhecimentos sobre sistema genital e reprodução para decidir e controlar sua própria reprodução, compreendendo os fundamentos dos diversos métodos contraceptivos.*

Nessa introdução ao capítulo, o autor comenta sobre as atividades sugeridas, sobre os textos complementares, sobre as abordagens que estão em consonância com as competências da BNCC e sugere que ao final do assunto sobre métodos contraceptivos, “se houver tempo e interesse da turma” promover um debate sobre sexualidade humana.

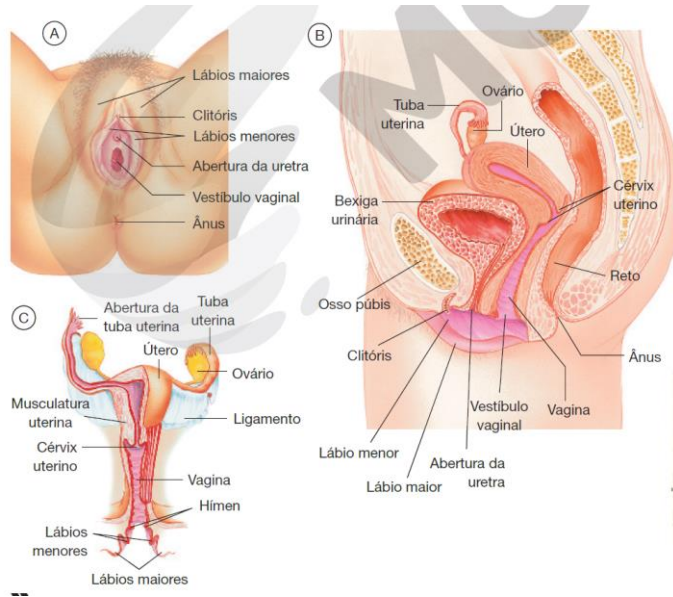
A obra apresenta os conteúdos de Química, Física e Biologia juntos e salteados no decorrer dos volumes, justificando tal feito com a proposta de interdisciplinaridade e abordagem que permite trabalhar Temas Contemporâneos Transversais. No entanto, com relação à temática educação sexual a obra aborda assuntos relacionados em apenas um dos seis volumes.

No volume 4, intitulado Humanidade e Ambiente, capítulo 11, intitulado Reprodução Humana na página 131, a obra traz a seguinte descrição:

*“Neste capítulo apresentamos os aspectos básicos da reprodução humana. Temas como a sexualidade, com suas implicações comportamentais e morais, adquirem maior consistência se também forem considerados em seus aspectos biológicos. O conhecimento científico sobre o tema tem levado as pessoas a ter mais consciência da própria reprodução. Graças às técnicas de reprodução assistida, muitos casais puderam solucionar dificuldades biológicas para ter filhos. Os tratamentos variam desde injeções de hormônios e correção cirúrgica de órgãos genitais até a fertilização in vitro e a implantação dos embriões no útero materno.”*

No decorrer do mesmo capítulo da página 132 à página 134 a obra apresenta a anatomia do sistema genital feminino e masculino caracterizando os órgãos que os compõem através de texto e imagens ilustrativas como demonstrado abaixo (figura 4 e 5). Ademais, o capítulo se limita a abordar assuntos da biologia de forma sucinta, não aborda em momento algum as infecções sexualmente transmissíveis, questões de gênero e sexualidade.

Figura 2 – Imagem retirada do livro ilustrando a anatomia do sistema reprodutor feminino.

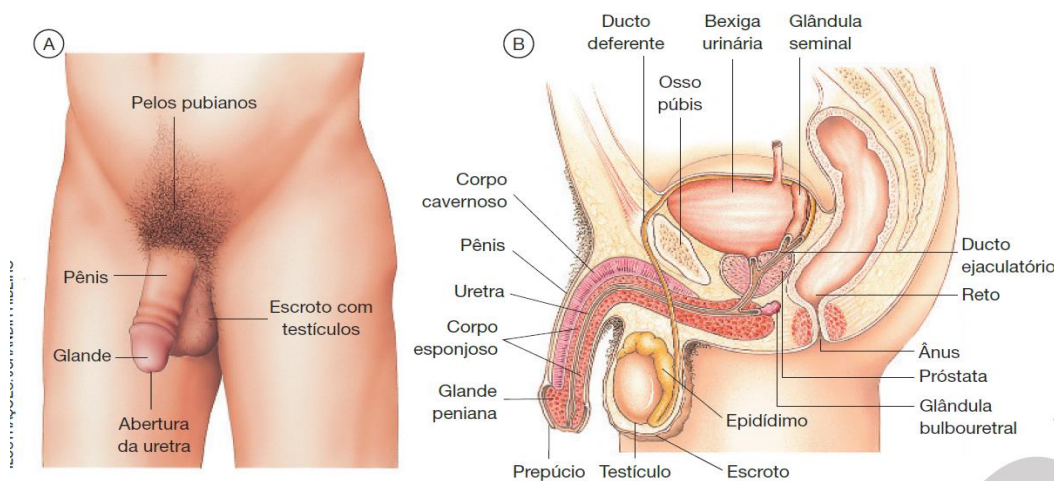


**Figura 1** Representação do sistema genital feminino humano. (A) Vista frontal do pudendo feminino, ou vulva. (B) Vista lateral e em corte da região pélvica mostrando o sistema genital feminino. (C) Vista frontal e em corte dos órgãos genitais internos e da vulva. A tuba direita está representada fora da posição normal para melhor visualização. A bexiga urinária, o reto e o ânus, apesar de indicados nas figuras, não fazem parte do sistema genital. (Representação fora de proporção; cores meramente ilustrativas.)

Fonte: adaptada de REECE, J. B. et al. *Biologia de Campbell*. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

ILUSTRAÇÕES: JURANDIR RIBEIRO

Figura 3 – Imagem retirada do livro ilustrando a anatomia do sistema reprodutor masculino

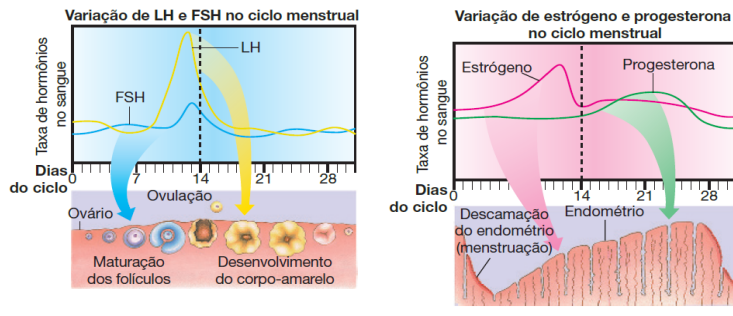


**Figura 2** Representação do sistema genital masculino humano. (A) Vista externa. (B) Vista lateral e em corte mostrando órgãos internos. A bexiga urinária, o reto e o ânus, apesar de indicados na figura, não fazem parte do sistema genital. (Representação fora de proporção; cores meramente ilustrativas.)

Fonte: adaptada de REECE, J. B. et al. *Biologia de Campbell*. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

A Página 135 e parte da página 136 são dedicadas a breves explicações sobre os hormônios relacionados à reprodução e os gráficos abaixo que ilustram o assunto abordado (figura 4):

Figura 4 – Gráficos retirados do livro que ilustram a variação das taxas dos hormônios FSH e LH relacionado-os com o ciclo menstrual.



**Figura 3** Gráficos que mostram a variação das taxas dos hormônios hipofisários FSH e LH e dos hormônios sexuais estrógeno e progesterona durante o ciclo menstrual. A variação desses hormônios está relacionada com as alterações do folículo ovariano e do endométrio. Analise a figura acompanhando as explicações no texto. (Representação fora de proporção; cores meramente ilustrativas.)

**Fonte:** adaptada de REECE, J. B. et al. *Biologia de Campbell*. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

Da página 136 à página 139 a obra aborda, de forma resumida, a fecundação, as fases do desenvolvimento embrionário e o parto conforme figuras abaixo (figura 5 e 6):

Figura 5 – Imagem retirada do livro que ilustra a fecundação e as primeiras fases do desenvolvimento embrionário.

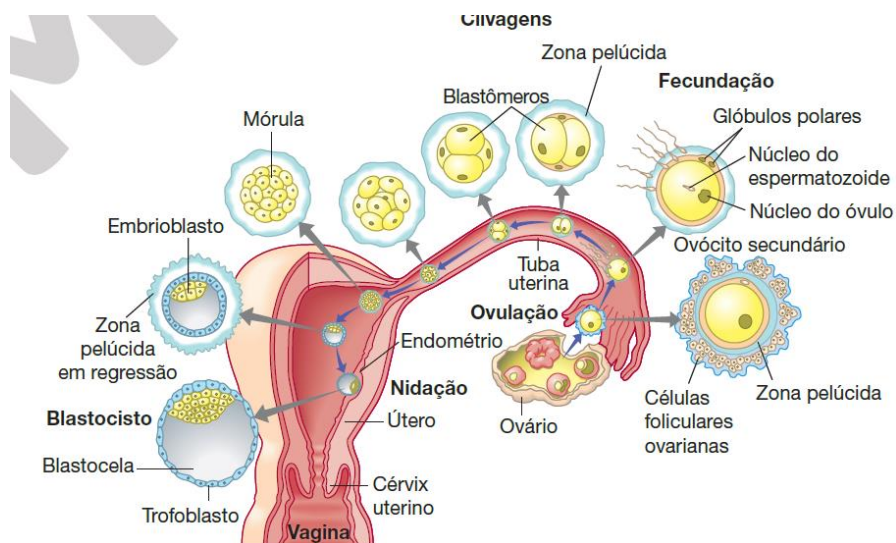
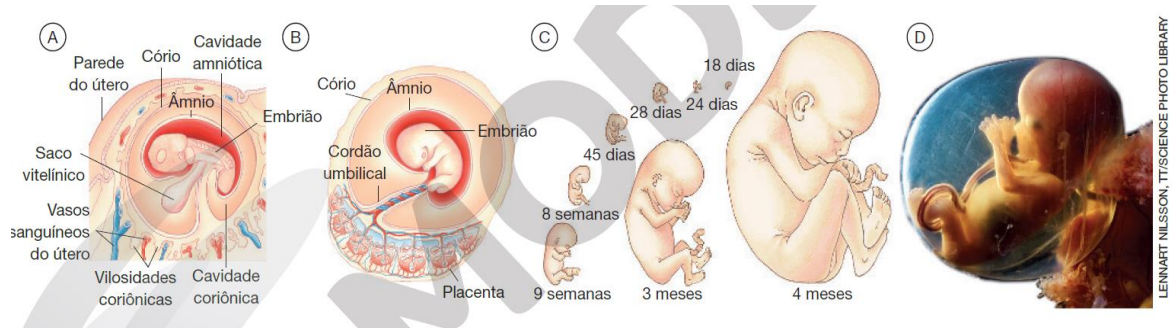




Figura 6 – Imagem retirada do livro que ilustra o desenvolvimento do embrião



De acordo com análise feita em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental, Martins *et al.*, (2003), inferiram que as imagens ilustrativas em livros didáticos tais como, fotografias, desenhos ilustrativos, esquemas, tabelas, mapas, quadros, têm como principais funções a contextualização do conteúdo científico, aproximando – para o aluno – o aspecto teórico do concreto, a identificação de padrões, construção de categorias com a finalidade de organizar informações e elaborar inferências.

Ainda segundo os autores referidos acima, as imagens em livros didáticos podem proporcionar maior aproximação entre os fenômenos científicos e o cotidiano do aluno. Além de apresentar diversas oportunidades de trabalhar a interpretação e compreensão de representações gráficas tais como, tabelas, mapas, quadros por parte dos alunos. Abaixo segue quadro com análise categorizada, com as seguintes categorias (quadro 3):

***Categoria A – o número de páginas que abordam assuntos da temática educação sexual;***

***Categoria B – o número de figuras que ilustram a temática “educação sexual” existentes na obra;***

***Categoria C – Assuntos relacionados à temática “educação sexual” abordados na obra;***

***Categoria D – Atividades investigativas sobre o tema sugeridos pela obra.***

Quadro 2 – Categorias analisadas no primeiro livro

CATEGORIA A	CATEGORIA B	CATEGORIA C	CATEGORIA D
12	11	<p><b>REPRODUÇÃO HUMANA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Anatomia do sistema genital masculino e feminino;</li> <li>• Hormônios relacionados a reprodução;</li> <li>• Gravidez e parto;</li> <li>• Métodos contraceptivos.</li> </ul>	<p><b>1 Atividade em grupo com característica investigativa</b></p> <p><b>Realizar pesquisas e elaborar argumentos contra e a favor do congelamento de óvulos na reprodução assistida e finalizar com um debate.</b></p>

*Segundo livro analisado:*

***Título: Conexões – Ciências da Natureza e suas tecnologias***

***Autores: Miguel Thompson, Eloci Peres Rios, Walter Spinelli, Hugo Reis, Blaidi Sant’Anna, Vera Lúcia Duarte de Novais, Murilo Tissoni Antunes.***

Figura 7 – capa do segundo livro analisado



A obra possui seis volumes, sendo eles:

Volume 1 – Matéria e Energia

Volume 2 – Energia e Ambiente

Volume 3 – Saúde e Tecnologia

Volume 4 – Conservação e Transformação

Volume 5 – Terra e Equilíbrios

Volume 6 – Universo, Materiais e Evolução

Nessa obra, assuntos relacionados à temática educação sexual aparecem somente no volume 3 – Saúde e Tecnologia – capítulo 4 – e também ocorre a mistura de conteúdos das disciplinas de Química, Física e Biologia.

*Volume 3 – Capítulo 4 – Saúde e bem-estar físico, mental e social*

Nesta coleção apesar de a temática educação sexual ser tratada em poucas páginas, está inserida num contexto menos biologicista e mais psicossocial. O capítulo 4 do volume 3 dedica um espaço à saúde do adolescente, trata, mesmo que de maneira sucinta, a sexualidade de suas diferentes formas (homossexualismo e bissexualismo) e a questão do conflito de gênero.

*“Para alguns estudantes, este pode ser um dos principais espaços disponíveis para refletir sobre sexualidade, por isso é importante equilibrar conteúdos como doenças, violência, preconceito e gravidez não planejada com temas de caráter mais positivo, como afeto, carinho e prazer”.* (Trecho retirado do livro – página 89).

As infecções sexualmente transmissíveis são explanadas e a obra traz um pequeno texto box atentando o estudante para a mudança de nomenclatura de doenças sexualmente transmissíveis para infecções sexualmente transmissíveis.

Figura 8 – Quadro retirado do livro que explica a mudança de nomenclatura DST para IST.

#### Caixa de ferramentas

Até o ano de 2016, utilizava-se a nomenclatura doenças sexualmente transmissíveis (DST). No entanto, seguindo o padrão utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), passou-se a adotar o termo **infecção** em vez de **doença**. A justificativa para essa alteração é que o conceito de doença sugere um conjunto de sintomas aparentes. Como diversos agentes causadores de doenças podem ser transmitidos sem provocar doenças sintomáticas, muitas organizações, incluindo o Ministério da Saúde do Brasil, alteraram a designação “Doenças sexualmente transmissíveis (DST)” para “Infecções sexualmente transmissíveis (IST)”.

Mais explicações sobre essa nomenclatura estão disponíveis em: <<http://www.aids.gov.br/en/node/59358>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Apesar de não ter sugestões de atividades investigativas, a obra sugere bastante discussões e debates em grupos. Como por exemplo, essas três sugestões de atividades em grupo encontradas na página 90 do livro.

Figura 9 – Quadro retirado do livro com sugestões de atividades em grupos.

**Comunicando ideias**
Não escreva no livro.

1. Em grupos, cite exemplos de atividades consideradas “masculinas” e “femininas”. Algumas dessas atividades são mais valorizadas que outras? Discutam como aprenderam, ao longo da vida, a fazer essa distinção e se concordam com ela.
2. Em grupo, pesquisem em livros, filmes ou programas de televisão antigos exemplos do que era entendido como papel da mulher na sociedade da época. Essas ideias mudaram? Discutam em sala de aula sua opinião sobre elas.
3. Você já vivenciou alguma situação de preconceito na escola? Discuta com os colegas sobre a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Planejem uma campanha sobre a prevenção ao preconceito para apresentar às outras turmas. Como sugestão, elaborem cartazes, um vídeo ou peça de teatro para divulgar ações relacionadas à importância da empatia e do bem-estar social.

Abaixo segue quadro com análise categorizada.

Quadro 3 – Categorias analisadas no segundo livro

CATEGORIA A	CATEGORIA B	CATEGORIA C	CATEGORIA D
<b>6</b>	<b>6</b>	<p style="text-align: center;"><b>Saúde do adolescente e sexualidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Principais mudanças físicas provocadas pelos hormônios sexuais na puberdade,</b></li> <li>• <b>Sexualidade e gênero,</b></li> <li>• <b>Infecções sexualmente transmissíveis;</b></li> <li>• <b>Métodos contraceptivos.</b></li> </ul>	<b>Nenhuma</b>

Figura 10 – capa do terceiro livro



***Terceiro livro analisado:***

***Título: Ciências da Natureza e suas tecnologias – Lopes & Rosso***

***Autores: Sônia Lopes e Sérgio Rosso.***

A obra possui seis volumes, sendo eles:

Volume 1 – Evolução e Universo

Volume 2 – Energia e Consumo sustentável

Volume 3 – Água, Agricultura e uso da terra

Volume 4 – Poluição e Movimento

Volume 5 – Corpo Humano e Vida saudável

Volume 6 – Mundo Tecnológico e Ciências aplicadas

Nessa obra, assuntos relacionados à temática educação sexual aparecem somente no *volume 5 – Corpo Humano e Vida saudável – unidade 1 – capítulo 6.*

Na parte introdutória desta coleção, mais especificamente na página XIII, os autores destacam a importância da argumentação e das atividades investigativas na alfabetização científica. Além disso, os autores destacam o protagonismo do estudante do ensino médio e as metodologias ativas como ferramentas que proporcionam a centralização do estudante no processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, da página 65 à página 74 da unidade 1 – capítulo 6 – que trata a temática educação sexual não existe nenhuma sugestão de atividade investigativa e nenhuma atividade que valorize o protagonismo do aluno.

A unidade 1 – capítulo 6 do livro traz assuntos em educação sexual no sentido biológico, tais como anatomia do sistema genital masculino e feminino, o controle hormonal na reprodução, métodos contraceptivos, entre outros, porém, não aborda a sexualidade do ponto de vista psicossocial. A obra sugere sites de pesquisa e leituras complementares da temática em questão nas páginas 65, 67 e 70. Abaixo segue quadro com análise categorizada.

Quadro 4 – categorias analisadas no terceiro livro.

CATEGORIA A	CATEGORIA B	CATEGORIA C	CATEGORIA D
8	11	<p><b>Adolescência, puberdade e saúde reprodutiva</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sistema genital masculino;</li> <li>• Sistema genital feminino;</li> <li>• Controle hormonal da reprodução,</li> <li>• Ciclo ovariano e uterino;</li> <li>• Planejamento familiar e métodos contraceptivos;</li> <li>• Infecções sexualmente transmissíveis.</li> </ul>	Nenhuma

Das três coleções analisadas percebeu-se a carência de um ou mais temas relacionados a educação sexual em todas elas. Como por exemplo, na coleção *Moderna Plus – Ciências da Natureza e suas Tecnologias* a abordagem do tema seguiu o padrão biológico, falando apenas do aspecto anatômico e hormonal, deixando de fora as infecções sexualmente transmissíveis, o aspecto social da sexualidade e a questão da identidade de gênero.

Já na coleção *Conexões – Ciências da Natureza e suas tecnologias*, é abordado a questão da sexualidade e o gênero, as infecções sexualmente transmissíveis, porém, de forma resumida

e generalista. A anatomia do sistema reprodutor e a embriologia não são abordados nessa coleção.

Das três coleções analisadas, a coleção *Ciências da Natureza e suas tecnologias – Lopes & Rosso* é um pouco mais completa na abordagem biológica, trazendo a tona a anatomia do sistema reprodutor, um pouco de embriologia (somente a fecundação), as infecções sexualmente transmissíveis e os métodos contraceptivos, porém, nesta coleção não são abordados aspectos sociais da sexualidade e gênero.

Observou-se na presente análise um apagamento da temática educação sexual no seu aspecto social. Assuntos como a orientação sexual, no sentido de opção, diversidade e identidade sexual foram pouco explorados em detrimento de uma abordagem biológica e tradicional, ainda hoje, encontrada nos livros didáticos.

Coadunante a isso, é dada luz a discussão de Moura e Salles (2018), sobre o movimento escola sem partido, o qual teve grande repercussão nas políticas públicas educacionais do Brasil. Os referidos autores, apontam críticas de como tal movimento contribuiu para a continuação e o prolongamento do já referido apagamento de assuntos relacionados a sexualidade na esfera educativa. A análise de Moura e Salles (2018), expõe de forma cronológica os marcos polêmicos e discussões sobre o movimento escola sem partido, tais como, a imposição moralista e conservadora política atual, o papel, por vezes recenseado, do professor em sala de aula nas questões de educação sexual dos seus alunos. Afinal, para o movimento escola sem partido, o papel da educação sexual dos alunos tem que ser proporcionado por sua família e não pela escola.

O movimento escola sem partido (MESP), fundado pelo advogado Miguel Nagib em 2004, defende uma educação “neutra” que não permite a professores tratarem conteúdos em sala de aula que vá contra os princípios familiares. O foco principal é a “ideologia de gênero”, mas o movimento também coibi tratar as posições políticas e até mesmo a teoria de evolução das espécies e o heliocentrismo (MIGUEL, 2016).

Ainda segundo Miguel (2016), o MESP também defende que a educação sexual não deve ser tratada na escola, pois é papel da família saber a hora certa de orientar seus filhos quanto a sexualidade. Vários projetos de lei oriundos do movimento escola sem partido estão tramitando no senado federal e que coloca em risco, caso sejam aprovados, a possibilidade de

alunos terem acesso a informações e orientações fundamentais para suas vidas. Rios e Santos (2008), apontam ainda a proposta da legislação que regulamenta o livro didático (PNLD de 2014) sobre o “respeito a liberdade” e a “tolerância” no convívio social democrático como sendo contraditório ao que se observa de fato nos livros. Ou seja, para os autores supracitados, temas como diversidade sexual são ainda pouco explorados nos livros didáticos utilizados no programa.

Assim como observado no estudo de Melo (2019), é nítida a timidez em tratar assuntos relacionados a sexualidade nos livros didáticos. Isso aponta para uma urgência em criar abordagens em sala de aula que supram essa carência. Novas metodologias, como a investigativa, atividades mais dinâmicas, discussões em rodas de conversa e envolvimento de toda a comunidade escolar é fundamental na inserção da educação sexual no espaço escolar. Neste estudo, os próprios alunos fizeram a análise de cinco coleções de livros didáticos utilizados no ensino médio e eles mesmos foram capazes de apontar a falta de aprofundamento em alguns temas em sexualidade e até mesmo a falta total de alguns assuntos tidos como importantes para eles.

Tem-se observado ao longo dos últimos anos uma tentativa de inclusão de programas que versam sobre os direitos de grupos minoritários, como a comunidade LGBT. Programas como Brasil sem Homofobia (BSH), Escola sem Homofobia (ESH) e o Programa Saúde na Escola (PSE), tratam o respeito a diversidade sexual, o direito a educação sexual na escola, combate e prevenção à homofobia, porém, esses programas vêm sofrendo muitos ataques e tentativas de silenciamento por parte de um governo conservador, como observado pela proibição da distribuição do material Kit anti-homofobia, o vulgo “Kit gay” (OLIVEIRA JÚNIOR E MAIO, 2013).

Com relação às atividades propostas nos livros didáticos analisados, utiliza-se a metodologia investigativa em apenas uma obra – volume 4, página 139 da coleção *Moderna Plus – Ciências da Natureza e suas Tecnologias* – que sugere uma atividade em grupo com apoio em dados científicos e debate argumentativo conforme quadro abaixo (quadro 5).



Quadro 5 – Quadro retirado do livro com sugestão de atividade utilizando a abordagem investigativa.

Para esta atividade sugerimos que a sala seja dividida em dois grupos, para realizar um debate sobre a validade ou não do congelamento de óvulos que ocorre na técnica de reprodução assistida. Um grupo poderia se posicionar a favor do congelamento e o outro, contra. Cada grupo pode se subdividir para realizar pesquisas e elaborar argumentos que sustentem a posição do grupo, levando em conta dados científicos, aspectos éticos e socioeconômicos, entre outros. O grupo pode contar com o auxílio voluntário de um membro, que organize por escrito os argumentos levantados.

No dia marcado para o debate, que pode ser realizado na presença de outras turmas da escola, cada grupo poderá apresentar sua argumentação. (Sugestões de uso de mídias digitais estão disponíveis no início do livro.)

O ensino por investigação é uma metodologia eficaz no processo ensino-aprendizagem, pois permite que o estudante seja o protagonista do processo, dando a ele a autonomia de buscar soluções para problemas pré-estabelecidos, desenvolvendo nele a capacidade de pensar criticamente, elaborar argumentos e levantar hipóteses (CLEOPHAS, 2016).

Assim como a análise feita por Ferreira e colaboradores (2020) em livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015 e 2018, em que assuntos em educação sexual foram pouco abordados, percebeu-se também essa defasagem na presente análise. Os autores referidos acima, analisaram ainda, a evolução da abordagem do tema entre 2015 e 2018 e perceberam uma mudança sutil para melhor. Outro ponto preocupante sinalizado no estudo dos referidos autores, foi a falta de menção da temática Educação Sexual nos documentos da BNCC sobre o Novo Ensino Médio.

Um importante aspecto apontado por Júnior e Pereira (2020), é o fato de o livro didático ser uma boa ferramenta para a atuação do professor em sala de aula, porém, deve ser utilizado apenas como um suporte e não eximir a possibilidade de abrangência da educação sexual por parte do professor. Visto isso, visando contribuir para prática docente, o presente estudo

apresentou uma proposta de intervenção utilizando uma sequência didática para oferecer ao professor a possibilidade de aprofundar na temática educação sexual além do livro didático.

## **5.2 Proposta de intervenção – Uma sequência didática investigativa (SDI)**

Considerando o apagamento, já levantado por outros autores, de temas sobre diversidade sexual, questões de gênero, educação sexual, entre outros, consideramos relevante tal discussão e a proposta da seguinte sequência didática como forma de suscitar e dar luz sobre a importância do tema nas escolas.

A sequência didática poderá ser aplicada em diferentes espaços no ambiente escolar, iniciando-se na sala de aula e estendendo-se à sala de informática – para a coleta e organização de dados – posteriormente voltando para a sala de aula ou outro ambiente propício ao debate e levantamento de hipóteses.

A sequência didática terá três etapas/aulas distribuídas da seguinte maneira:

### **Aula 1 – Introdução à investigação**

Objetivos da aula:

Possibilitar que os estudantes construam conceito sobre educação sexual na escola;

Comunicar seus argumentos sobre o tema em forma oral e com registros escritos;

Ler, escrever e sublinhar os pressupostos que embasam o conceito sobre educação sexual na escola.

Tempo estimado da aula: dois tempos de aula de 50 minutos cada.

Desenvolvimento:

#### **Trazendo repertório**

Para iniciar a aula, o professor solicitará que a turma se divida em quatro ou cinco grupos menores, de tal forma que permita que circule livremente pelos grupos. O professor entregará para cada aluno um texto extraído do Caderno Escola sem Homofobia que fala sobre a diversidade sexual (ver Apêndice I), porém, o título do texto e as partes que falam explicitamente “diversidade sexual” serão suprimidas, com o intuito de os alunos identificarem

esse fenômeno com base no contexto geral trazido. A dinâmica de leitura será elencada no quadro; conforme os alunos forem realizando uma etapa, a outra será posta.

A primeira etapa consiste em tranquilizar os alunos, por ser um conteúdo novo, e o professor solicitará uma leitura rápida do texto, de dois minutos cronometrados, em que os alunos captarão um panorama do texto. Nessa etapa o professor deverá caminhar pelos grupos incentivando a leitura.

Com o tempo inicial encerrado, será elencada no quadro a segunda etapa, que consiste em uma leitura mais aprofundada e calma. O professor exemplificará que nessa etapa não haverá cronometragem e os alunos deverão ler calmamente o texto e marcar com o lápis os trechos que considerem mais importantes. Conforme os alunos forem realizando, o professor caminhará pelos grupos para motivar a realização da atividade. Os alunos deverão levantar a mão quando encerrarem a etapa.

Com essa etapa encerrada pela maioria dos alunos, o professor solicitará a terceira etapa, que é sublinhar as principais palavras de cada trecho marcado na etapa anterior. Por ser uma etapa mais rápida, terá em sequência a quarta etapa explicada. Nessa etapa os alunos deverão fazer registros livres: textos, desenhos, esquemas e outros, com base nas marcações e palavras-chave sublinhadas. Caso os alunos consigam encerrar a quarta etapa, o professor pedirá que, como desafio, criem perguntas sobre o texto como se eles fossem o professor.

Para finalizar essa dinâmica de leitura, o professor irá propor uma roda de discussão em que os alunos poderão debater o que entenderam do texto, o que acharam da atividade e lançar as questões que elaboraram aos outros colegas para assim ampliar as discussões. Por fim, o professor desvelará as partes suprimidas do texto para comparar com as ideias levantadas pelos alunos e poderá perguntar: “Como vocês aprenderam tudo isso, se eu não passei o conteúdo?” e os alunos perceberão que foram eles os protagonistas do processo de aprendizagem.

Para a continuação da sequência didática na próxima aula, os alunos deverão assistir um filme em casa. O filme ficará como tarefa para casa, pois assistir em aula tornaria a prática da SD muito longa.

**Para casa: Assistir ao filme “As Melhores coisas do mundo”.**

O filme tem duração de 105 minutos e retrata a vivência e as dificuldades de um grupo de adolescentes numa escola de classe média brasileira. Questões como homossexualidade, primeira relação sexual, separação dos pais, amores, decepções amorosas e tentativa de suicídio são tratadas no filme. A intenção de exibir o filme é despertar nos alunos a reflexão sobre questões recorrentes em suas vidas.

**SINOPSE**

*Mano tem 15 anos, adora tocar guitarra, sair com os amigos e andar de bike. Um acontecimento na família faz com que ele perceba que virar adulto não é brincadeira. O bullying na escola, a primeira transa, o relacionamento em casa, as inseguranças, os preconceitos e a descoberta do amor transformam a adolescência numa travessia nada simples.*

Apresentando: Francisco Miguez e Gabriela Rocha.

Participação especial: Paulo Vilhena, Caio Blat, Fiuk e Denise Fraga.

Com o roteiro de Luiz Bolognesi e direção de Laís Bodanzky, o filme é livremente inspirado na série de livros “Mano”, escritos por Gilberto Dimenstein e Heloisa Prieto.

**Aula 2 – Elaboração de resenha crítica e caixa de perguntas**

Objetivos da aula:

Organizar e registrar informações por intermédio de resenha crítica.

Comunicar-se através da oralidade e escrita: de suposições, dados e conclusões.

Tempo de aula: dois tempos de aula de 50 minutos cada.

Desenvolvimento:

**Primeiro Procedimento: Elaborando uma resenha crítica**

Como atividade para essa etapa da sequência didática, será solicitado que os alunos elaborem uma resenha crítica sobre o filme seguindo o seguinte roteiro:

**Introdução:** indicação do tema abordado, local, época;

**Desenvolvimento:** indicação do conteúdo do filme (como os acontecimentos se desenrolam, mas sem narrá-los), intenção e público a que se destina;

**Conclusão:** indicação das dificuldades para entender o filme, se é interessante, se se destaca e se possui elementos em comum com sua vida.

O roteiro precisará ainda ter as seguintes características:

**Descrição:** reflete a capacidade de descrever o conteúdo do filme, dando o leitor a conhecer o tema abordado nele;

**Concisão:** reflete a capacidade de escrever um texto sucinto, mas completo;

**Objetividade:** reflete a capacidade de abordar o que é mais importante no filme resenhado;

**Argumentação:** no caso da resenha crítica, reflete a capacidade de expor ideias de forma organizada e a chance de convencer o leitor sobre elas.

A resenha crítica tem como objetivo desenvolver a capacidade de descrição e argumentação dos alunos, alguns dos pilares do ensino por investigação. A resenha será utilizada como uma das avaliações na sequência didática.

### **Segundo procedimento: Caixa de perguntas**

O professor apresentará aos alunos uma caixa de papelão (caixa de sapato encapada e decorada) que precisará ser preenchida com dúvidas sobre sexualidade, identidade de gênero, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis em folhas de papel. Essas perguntas deverão ser elaboradas pelos alunos, anonimamente, em casa e trazidas na aula seguinte para serem colocadas na caixa.

A caixa de perguntas ficará fechada com apenas uma pequena abertura/fenda para serem inseridas as perguntas elaboradas pelos alunos. A caixa será colocada numa mesa no centro da sala de aula para os alunos irem colocando suas perguntas. Essa caixa será aberta no próximo dia de aula da sequência didática.

### **Aula 3 – Discutindo orientação sexual**

Objetivos da aula:

Possibilitar que os estudantes construam conceitos em educação sexual.

Elaborar perguntas e suposições sobre os assuntos em estudo.

Comunicar-se através da oralidade e escrita: de suposições, dados e conclusões.

Tempo de aula: dois tempos de aula de 50 minutos cada.

Desenvolvimento:

O professor solicitará novamente que a turma se divida em quatro ou cinco grupos menores, de tal forma que permita que circule livremente pelos grupos. Será distribuído aos alunos um segundo texto sobre orientação sexual\* extraído do Caderno Escola sem Homofobia (ver Apêndice II). Os alunos terão o tempo de 15 minutos para lerem o texto e grifarem os trechos que mais lhes chamarem a atenção (termos que lhes cause dúvidas e necessite de mais esclarecimento ou, até mesmo, trechos que lhes cause estranhamentos, discordância ou plena concordância).

Após a leitura do texto, cada grupo terá que fazer, numa folha separada, um glossário de termos e frases que destacaram no texto. Organizando-os no quadro 6 abaixo:

Quadro 6 – Glossário de termos e frases

<b>Não entendi, preciso pesquisar!</b>	<b>Nossa, que estranho isso!</b>	<b>Discordo</b>	<b>Concordo plenamente</b>
--	----------------------------------	-----------------	----------------------------

\* O texto é referente a “orientação sexual” como sendo opção sexual e não a orientação/informação sobre sexualidade.

Após o preenchimento da tabela, as mesmas serão trocadas, ou seja, cada grupo receberá a tabela de outro grupo. Os grupos ficarão responsáveis agora por discutirem entre eles os pontos de convergência e divergência sobre o conteúdo da tabela deles em relação ao conteúdo da tabela do outro grupo.

Na coluna do “Não entendi, preciso pesquisar” os grupos precisarão ir em busca de informações para tentar explicar os termos ou trechos não entendidos pelos colegas. Caso alguém saiba, pode compartilhar seu conhecimento com a turma. Essa busca de informações pode ser na internet do celular (é preciso que os alunos tenham acesso ao wi-fi da escola para essa atividade) ou caso a escola tenha sala de informática, essa atividade pode ser realizada lá.

O professor mediará a pesquisa, orientando sobre a busca de informações em sites seguros e confiáveis. Os dados coletados e os pontos de convergência e divergência deverão ser preenchidos no quadro 7, como exemplo abaixo:

Quadro 7 – Dados coletados, os pontos de convergência e divergência

<b>Olha, pesquisei pra você!</b>	<b>Nossa, que estranho isso!</b>	<b>Discordo</b>	<b>Concordo plenamente</b>
	<i>Também achei/não achei.</i>	<i>Também discordo por isso, isso e isso.</i>	<i>Eu também concordo por isso, isso e isso.</i>
	<i>Achei estranho por isso, isso e isso.</i>	<i>Eu concordo por isso, isso e isso.</i>	<i>Eu discordo por isso, isso e isso.</i>
	<i>Achei normal por isso, isso e isso.</i>		

Para finalizar essa etapa da sequência didática, as tabelas voltarão para o grupo de origem com as respectivas tabelas de respostas. Um representante de cada grupo ficará incumbido de ler para toda turma a tabela inicial, feita por eles, e a tabela resposta, feita pelo outro grupo.

#### **Roda de conversa e abertura da caixa de perguntas**

Nessa etapa os alunos comporão uma grande roda de conversa. Será aberta a caixa de perguntas e, no quadro, o professor elencará as perguntas dos alunos que estão na caixa. O objetivo é que os alunos sejam capazes de discutir e levantar hipóteses para tentar responder as próprias perguntas e até mesmo formular melhor as perguntas feitas anteriormente. O professor mediará o debate cuidando para que seja um momento democrático na exposição das opiniões e proposição de hipóteses.

Ao final dessa etapa, o professor fechará a atividade conscientizando a turma sobre a importância de se respeitar e ouvir a opinião alheia, as diferentes maneiras de pensar, assim como respeitar a orientação sexual de cada um.

**Avaliação:** Todo o desenvolvimento da sequência didática poderá ser avaliado pelo professor quanto a: participação dos estudantes em cada etapa da sequência didática; capacidade de organização das atividades e exposição de ideias; resenha crítica do filme e autoavaliação.

Esta proposta da sequência didática é apresentada no Apêndice III, elaborado no aplicativo Canva, para que, futuramente, possa ser divulgado, como um produto separado da dissertação e de fácil manuseio.

Com relação aos tipos de problemas utilizados pelo professor para inserir o ensino por investigação por meio de uma sequência didática, Solino e Sasseron (2018) em seu estudo intitulado “*Investigando a significação de problemas em sequências de ensino investigativa*” apontam os tipos de problemas didáticos experimentais e teóricos e ainda os problemas didáticos abertos e fechados. Sendo os experimentais aqueles que envolvem material didático físico a serem testados e manipulados pelos alunos e pelo professor e os problemas teóricos são aqueles propostos com base em imagens, textos ou ideias. Os problemas didáticos experimentais ou teóricos podem apresentar níveis de abertura no que se refere à sua estrutura, podendo ser abertos – que permitem várias respostas possíveis – ou fechados que permitem apenas uma solução possível.

O professor tem papel mediador no ensino por investigação, orientando a busca por dados e a organização deles. O ensino por investigação exige do aluno o desenvolvimento da capacidade de elaborar argumentos e hipóteses, ou seja, tornando-o autônomo na busca do conhecimento e aprendizagem (SASSERON, 2015).

Consideramos a educação sexual um aspecto de fundamental relevância na formação dos estudantes. A escola possui papel de apoio e abertura para serem tratados assuntos em educação sexual. A formação continuada de professores torna-se necessária para a capacitação de docentes para a educação sexual. Assuntos como gênero e diversidade sexual precisam ser tratados na escola com a finalidade de derrubar e coibir atos de violência por preconceito e para que os estudantes aprendam a conviver com as diferenças, sem discriminações (ZOMPERO, 2018).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a urgência de reformulação do currículo da educação básica para serem tratados em sala de aula assuntos relacionados à educação sexual de alunos. Observamos atualmente crescentes casos de abusos sexuais contra crianças e adolescentes, a violência desferida contra pessoas de orientação sexual diferente da heterossexual, o preconceito e tantos outros problemas sociais relacionados a sexualidade. Isso leva-nos a crer que o espaço escolar, a sala de aula e o professor utilizando-se da educação, são ferramentas fundamentais para o combate a tais problemas.

Para isso, torna-se necessário que políticas públicas também sejam reformuladas. Não é mais razoável tamanho conservadorismo numa sociedade que está em constante transformação em todos os aspectos! É preciso que as políticas públicas acompanhem o avanço e o surgimento de novos padrões sociais, os abracem, os respeitem e os incluam.

Quanto a nós, professores, cabe a responsabilidade de nos reconhecermos parte desse processo de transformação de uma sociedade menos conservadora para uma sociedade que abriga, defende e protege o diferente, o tido como “não normal”. E essa semente nós plantamos em sala de aula, ensinando nossos alunos a buscar suas próprias escolhas de forma crítica e consciente.

A sexualidade é inerente ao ser humano, precisa ser explorada, entendida e compreendida. A escola, assim como a família, tem seu papel nesse processo de formação de indivíduos conscientes quanto a sua sexualidade e a sexualidade do outro. Nesta dissertação foi analisado como o livro didático tem contribuído para essa formação e foi observada a defasagem de assuntos fundamentais como a diversidade sexual e a orientação sexual. Como contribuição para a prática docente, foi construída uma sequência didática à luz da abordagem investigativa para que a difícil tarefa de tratar sobre a educação sexual possa ser naturalizada e atualizada por docentes do ensino médio. Espera-se, assim, contribuir para a atividade docente, lembrando a importância do autocuidado como prática cotidiana de promoção à saúde.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, B. R.; PEREIRA, C. A. S.; MACHADO, F. V.; DA SILVA, I. C. M. *Orientação sexual no ensino médio: combate ao Papilomavírus Humano*. Acta Biomédica Brasiliensia (2020) 11: 9-14 <https://doi.org/10.18571/acbm.200>.
- BRASIL. 2017. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Terceira versão revista, Brasília.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais-Orientação Sexual* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 72–110
- BRASIL. 2009. Ministério da Educação. CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 11/05/2022.
- CARVALHO, A. M. P. *Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino por investigação*. Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação – LaPEF – Laboratório de Pesquisa e Ensino de Física. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. RBPEC 18(3), 765–794. Dezembro, 2018.
- CARVALHO, A. M. P. *Ensino por investigação: as pesquisas que desenvolvemos no LAPEF*. Laboratório de Pesquisa e Ensino de Física – LaPEF. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Experiências em Ensino de Ciências V.16, N.3. Dezembro, 2021.
- CARNEIRO, R. F.; SILVA, N. C.; ALVES, T. A.; ALBUQUERQUE, D. O.; BRITO, D. C.; OLIVEIRA, L. L. *Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar*. SANARE, Sobral, V.14, n.01, p.104-108, jan./jun. - 2015.
- CAVALCANTE, B.; FERREIRA, H. J.; SILVA, C. D. D. (2021) *A importância das bromélias no meio ambiente: uma proposta de sequência didática para sensibilização ambiental de estudantes da educação básica*. Em *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2917>
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2003, n. 22 [Acessado em 11 Fevereiro 2022], pp. 89-100. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100009>>.Epub 27/Nov/2006. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100009>.
- CLEOPHAS, M. G. *Ensino por investigação: concepções dos alunos de licenciatura em Ciências da Natureza acerca da importância de atividades investigativas em espaços não formais*. Revista Linhas. Florianópolis, v. 17, n. 34,p. 266-298,maio/ago.2016.

COSTA e SILVA, S. P.; BARBOSA, A. P. P.; ARAÚJO, C. S.; SILVA, T. I. M.; SANTANA, R. N. Discutindo sexualidade/IST no contexto escolar: práticas de professores de escola pública. *Revista de enfermagem UFPE online.*, Recife, 10(Supl. 5):4295-303, nov., 2016. DOI: 10.5205/reuol.9284-81146-1-SM.1005sup201617. ISSN: 1981-8963.

FAGUNDES, T.C.P.C. *Educação Sexual: família, escola e temáticas especiais em educação*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 2007. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v18i2.391>

FERREIRA, B.; MACHADO, L. A. .; PEDREIRA, A. J. L. A. O tema sexualidade humana nos livros didáticos de Biologia mais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático 2015. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, p. e020036, 2020. DOI: 10.22294/eduperppgeufv.v11i00.8726. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8726>.

FIGUEIRÓ, M. N. D *Educação sexual: como ensinar no espaço da escola*. Revista Linhas, Florianópolis, v.7,n.1,2007.Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>. Acesso em: 25 out. 2021.

FOLINO, C.H.; LAGE, D.A. Diálogo, Reflexão e Aprendizagem em Educação Sexual sob a Perspectiva Social. *Anais do V Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente*. Niterói/RJ, 2018 Campus da Praia Vermelha/UFF, p. 1-10.

FURLANI, J. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GALIAZZI, M. C.; MORAES, Roque. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2005.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; PANISSON, G. *Docência e concepções de sexualidade na educação básica*. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis/SC, 2015. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 558-568.

JÚNIOR, S. L. S. A; PEREIRA, O. A. V. *Educação sexual: abordagem utilizada nos livros didáticos adotados na rede pública estadual de ensino de ubá, MG*. Mediação – educação e humanidades – Universidade do Estado de Minas Gerais – unidade Ubá. Mediação, ano V, n. 10 – jan./jun. 2020 – ISSN 2317-4838.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L.; SELLES, S. E. *Educação Sexual em livros didáticos de Ciências: abordagens culturais e silenciamento*. Encontro Nacional de Ensino de Biologia. Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas 10.46943/VIII.ENEPIO. 2021.01.228. ISBN: 978-65-86901-31-3

MANO, S. M. F.; GOUVEIA, F. C.; SCHALL, V. T. “Amor e sexo: mitos, verdades e fantasias”: jovens avaliam potencial de material multimídia educativo em saúde. *Ciência & Educação*, v. 15, n. 3, p. 647-658, 2009.

MARTINS, I. *et al.* Uma análise das imagens nos livros didáticos de ciências para o ensino fundamental. *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, 2003.

MELO, S.R. *Uma proposta mediadora de discussão sobre sexualidade no Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga* 2019. 149 f., Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MIGUEL, L. F. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - *Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro*. *Revista Direito e Práxis*, vol. 7, núm. 15, 2016, pp. 590-621. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil

MOREIRA, T. M. M.; VIANA, D. S.; QUEIROZ, M. V. O.; JORGE, M. S. B. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP* 2008; 42(2): 312-320.

MOURA, F. P., & SALLES, D. C. O. Escola Sem Partido e o ódio aos professores que formam crianças (des)viadas. *Revista Periódicus*, 1(9), 136–160 (2018).  
<https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25742>

OLIVEIRA, M. M.. *Sequência didática interativa no processo de formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA JÚNIOR, I. B; MAIO, E. R. Divergências, congruências e reticências: uma análise comparativa entre produtos dos programas escola sem homofobia e saúde e prevenção na escola. *Revista ibero-americana de estudos em educação*, vol. 8, núm. 2, abril-junio, 2013, pp.452-468. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

RIOS R. R.; SANTOS W. R. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. *Psicologia Política*. Vol. 8. Nº 16. Pp. 325 – 344. Jul – dez 2008.

SAITO, M.I.; LEAL, M.M. *Educação sexual na escola*. Instituto da Criança do Hospital das Clínicas e Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – USP. *Pediatria (São Paulo)* 2000, 22 (1): 44-48.

SANTOS, A. M. G., da SILVA J., M. J. da COSTA, N. G., & PALMA, M. B. *Livros didáticos de biologia e educação sexual: análise do conteúdo*. Universidade Rural Federal de Pernambuco. CONAPESC 2019. Disponível em:  
[http://editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2019/TRABALHO\\_EV126\\_MD4\\_SA7\\_ID2097\\_02072019000201.pdf](http://editorarealize.com.br/editora/anais/conapesc/2019/TRABALHO_EV126_MD4_SA7_ID2097_02072019000201.pdf). Acesso em: 08 nov. 2021

SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. *Revista Ensaio* | Belo Horizonte | v.17 n. especial | p. 49-67 | novembro | 2015. DOI-<http://dx.doi.org/10.1590/1983-2117201517s04>

SASSERON, L. H. Ensino de Ciências por Investigação e o Desenvolvimento de Práticas: Uma Mirada para a Base Nacional Comum Curricular. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. Doi: 10.28976/1984-2686rbpec20181831061. RBPEC 18(3), 1061–1085. Dezembro, 2018.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Uma análise de referenciais teóricos sobre a estrutura do argumento para estudos de argumentação no ensino de ciências. *Revista Ensaio | Belo Horizonte* | v.13 | n.03 | p.243-262 | set-dez | 2011.

SEDANO, L.; CARVALHO, A. M. P. *Ensino de ciências por investigação: oportunidades de interação social e sua importância para a construção da autonomia moral*.

Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil – ISSN 1982-5153 – Vol. 10, n. 1. p. 199-220. Maio 2017.

SFAIR, S.C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. *Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais*. Saúde Soc. São Paulo, v.24, n.2, p.620-632, 2015.

SILVA, J. S.; SARAIVA, E.S. *A importância da Sequência Didática (SD) na Educação Ambiental: um relato de experiência no Centro de Educação em Tempo Integral Monsenhor Boson*. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S.l.], v. 9, n.6, pág.e156963505, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i6.3505. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3505>. Acesso em: 5 maio de 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA – Guia prático de atualização do departamento científico de adolescência – *Prevenção da Gravidez na Adolescência* -. Nº 11, janeiro de 2019.

SOLINO, A. P.; SASSERON, L. H. Investigando a significação de problemas em sequências de ensino investigativa. *Investigações em Ensino de Ciências*, 23 (2): 104-129, 2018.

SOUSA, C. R. O.; GOMES, K. R. O.; SILVA, K. C. O.; MASCARENHAS, M. D. M.; RODRIGUES, M. T. P.; ANDRADE, J. X.; LEAL, M. A. B. F. Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez. *Cadernos Saúde Coletiva*., 2018, Rio de Janeiro, 26 (2): 160-169.

SOUZA, M. M.; MUNARI, D. B.; SOUZA, S.M.B.; ESPERIDIÃO, E.; MEDEIROS, M. Qualificação de professores do ensino básico para educação sexual por meio da pesquisa ação. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 9(1), 91-98, 2018.

TEIXEIRA, M. G. V. *Caderno pedagógico-educação sexual na escola: desafios e possibilidades. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense* – Produção didático-pedagógica. Secretaria de Educação do Governo do Estado do Paraná, 2010.

TRIVELATO, S. L. F.; TONIDANDEL, S. M. R.; Ensino por investigação: eixos organizadores para sequências de ensino de biologia. *Revista Ensaio | Belo Horizonte* | v.17 n.especial | p. 97-114 | novembro | 2015. DOI-<http://dx.doi.org/10.1590/1983-2117201517s06>

UNESCO – *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília, 2014. 53 p., il. Incl. Bibl. ISBN: 978-85-7652-189-1.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 2011.

\_\_\_\_\_. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da Rosa – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZOMPERO, A.F.; LABURÚ, C.E. Atividades investigativas no ensino de ciências: aspectos históricos e diferentes abordagens. *Revista Ensaio* | Belo Horizonte | v.13 | n.03 | p.67-80 | set-dez | 2011.

ZOMPERO, A.F *et al.* A temática sexualidade nas propostas curriculares no Brasil. *Revista Ciências & Ideias* ISSN: 2176-1477, [S.l.], p. 101-114, ago. 2018. ISSN 2176-1477.

Disponível em:

<<https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/783/570>>. Acesso em: 18 jul. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.22407/2176-1477/2018.v9i1.783>.

**APÊNDICE A:** Texto utilizado na primeira etapa da sequência didática – “trazendo o repertório”

### **TEXTO I: Diversidade sexual**

---

#### **O ser humano e seus desejos: um abismo sem fim!**

Você já parou para pensar em qual é o seu prato de comida favorito? Esta é uma informação que costumamos ter na ponta da língua! E, por mais que nosso paladar se deleite com uma ampla gama de sabores, alguns acabam por se tornar nossos favoritos. Algumas pessoas não vivem sem um bom pedaço de carne; outras se deliciam com massas – com destaque para pizza e lasanha; algumas são adeptas de iguarias mais refinadas ou exóticas, como a pupunha, o estrogonofe ou o sushi; há as que não vivem sem legumes e saladas; boa parte não dispensa o prato típico de sua região... e por aí vai. Em matéria de sabor, cada um de nós sabe o que lhe apetece tanto quanto aquilo que não lhe agrada.

Quando nos referimos à sexualidade, essa analogia pode ser bastante útil. Deixemos combinado, desde o princípio, que estamos falando de dois âmbitos muito distintos. Mas, ainda assim, para entender as diversas possibilidades do desejo sexual humano, essa comparação parece pertinente. Eis um exemplo banal: entre nós, brasileiras/os, arroz e feijão representam uma espécie de unanimidade nacional. Mas como lidar com o fato de que existem muitas pessoas a quem esses alimentos simplesmente não agradam? Ninguém ousaria dizer, em sã consciência, que se trata de um “problema genético”; ao contrário, isso nos remete a pensar na pluralidade de gostos, advinda da curiosidade e da liberdade que cada uma/um tem para experimentar outros sabores.

Mas o que isso tem a ver com **sexualidade**? Durante muito tempo se acreditou que ela fosse um fenômeno meramente natural, que ocorria entre os seres humanos de maneira análoga à das plantas e dos animais. Por isso considerava-se que a finalidade última da atividade sexual era a reprodução da espécie, e tudo que escapasse a esse “destino” era tido como algo anormal, um desvio.

Com o advento das técnicas de planejamento familiar e, em especial, com a descoberta da pílula anticoncepcional, a sexualidade passou a ser encarada com outros olhos, pois já era possível evitar a gravidez sem deixar de praticar sexo. Estava aberta a porta para uma reviravolta nos costumes desse campo, sobretudo a partir da década de 1960. Algumas pessoas se referem a essas mudanças como **revolução sexual**. Outras defendem que não foi bem uma revolução, pois as assimetrias de gênero e a dominação masculina ainda se mantêm.

Desde os primórdios da humanidade, já se sabia que, além de possibilitar a procriação, o sexo é também fonte de prazer. Contudo, e devido à posição diferenciada entre mulheres e homens na sociedade, as boas sensações resultantes da prática sexual eram exacerbadas no sexo masculino e desencorajadas e até mesmo reprimidas no sexo feminino. Essa distinção atingiu seu auge na chamada época vitoriana, na qual imperou um rígido moralismo a respeito do assunto, de tal modo que, em muitos casos, a mulher nem sequer chegava a se despir inteiramente para o ato sexual, porque qualquer sinal de desfrute de sua parte poderia ser interpretado como falta de pureza. Vemos então, aqui, que a mesma assimetria de direitos e deveres na vida social, que discutimos ao abordarmos o conceito de gênero, se reproduz na esfera da intimidade. O homem era senhor do próprio corpo, o elemento ativo da relação, e a mulher devia permanecer submissa, representando o polo passivo, sem direito a sentir prazer.

Assim é que, também com o surgimento do feminismo e, por meio dele, emergiu uma forma de contestação da dominação masculina sobre a vida e o corpo das mulheres, fazendo emergir uma nova consciência, a partir da qual se passou a reivindicar, de um lado, a igualdade social e jurídica e, de outro, a simetria entre corpos no ato sexual. De acordo com essa visão, o fato de o pênis penetrar a vagina não implica superioridade ou inferioridade dos participantes do ato sexual.



A proposição feminista da igualdade de direitos entre homens e mulheres, tanto na vida pública quanto na doméstica, impulsionou o aparecimento de uma nova identidade social: **homossexual**. Os indivíduos dessa categoria social eram, até então, vistos como doentes, pervertidos e pecadores. Com relação aos do sexo biológico masculino, essa visão baseava-se em dois argumentos:

1 – seu comportamento social não era o que se esperava dos homens;

2 – o desejo de serem penetrados na relação sexual os tornava passivos.

Ou seja, em ambos os casos eles abriam mão de seu poder de “macho” para se sujeitarem ao suposto e imposto papel inferior das mulheres. Não é, portanto, casual que ainda hoje prevaleça, no imaginário social, a ideia de que uma/um homossexual é sapatão ou viado/bicha. Por isso toda vez que alguém tem uma atitude considerada imprópria a seu sexo, a vigilância heterossexista faz disparar um alarme para que a pessoa retorne ao “normal”.

O grande problema que temos à nossa frente com esse estado de coisas é que se estabelece aqui uma grande confusão entre o **comportamento** e o **desejo**. De maneira quase automática – e sem perceber que se trata da imposição de uma norma –, produz-se a crença de que quem se portar em desacordo com seu sexo irá também automaticamente se identificar como pertencente ao outro sexo e, em função disso, desejará alguém do mesmo sexo. A confusão se dá entre dois conceitos: **identidade de gênero** e **orientação sexual**.

**Fonte:** CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 11/05/2022.

**APÊNDICE B:** Texto utilizado na etapa 3 da sequência didática – “discutindo orientação sexual”.

### **TEXTO II: Orientação sexual**

---

*“Há alguns anos me espantei. Já havia namorado alguns garotos. Um dia seguia por uma rua e me dei conta que olhava mais para garotas do que para garotos. Pensei muito, tentei tirar isso da minha cabeça porque parecia muito errado. Obriguei-me a olhar para garotos, homens. Não dava certo, não tinha jeito... Deixei essa ideia de lado. Hoje sigo pela rua olhando quem me atrai.”*

Falemos agora da atração que sentimos – ou podemos sentir – por uma ou várias pessoas tanto afetiva quanto sexualmente. Trata-se de algo que está dentro de nós e que as outras pessoas só podem conhecer por aquilo que manifestamos desse desejo, é como um turbilhão de fantasias e paixões que não controlamos plenamente e, por meio dele, nos damos conta do tipo de pessoa que capta nossa atenção, mexe conosco. O interesse afetivo e sexual pode ser pelo sexo oposto (heterossexual), pelo mesmo sexo (homossexual) ou por ambos (bissexual). O mais importante é compreendermos que não se trata nem de uma **essência** – de algo que já nasce com a gente – , nem de uma **opção** – de uma escolha consciente e deliberada –, mas apenas de um atributo, um pequeno traço que compõe um todo muito maior, que é um ser humano, com toda a

imprevisibilidade de seus desejos. Não há nenhuma diferença intrínseca, mas, pelo contrário, é um elemento, como a cor dos olhos ou o formato do nariz.

Quando empregamos aqui a expressão **orientação sexual**, estamos, portanto, referindo-nos à atração que um indivíduo sente por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Ou seja, esse termo não tem relação alguma com a orientação dada por alguém, pela família ou pela sociedade quanto ao sexo pelo qual uma pessoa deva se sentir atraída.

*“Comecei aos poucos a descobrir que estava apaixonada por uma amiga da escola. Fui me dando conta de que o que minhas amigas sentiam pelos rapazes que amavam era a mesma coisa que eu sentia por ela.”*

Esse interesse pela/o outra/o desencadeia afetos (amor, aconchego, amizade, carinho), mas pode ser limitado ao contato corporal. Como, no entanto, nossa cultura nos ensina – e isso é algo realçado, sobretudo pelas religiões – que o desejo sexual só deve existir quando vinculado a um sentimento “maior”, reprimimos aquelas sensações que julgamos não cumprirem esse destino supostamente elevado, numa determinada ordem: conhecer, interessar-se, paquerar, apaixonar-se, casar-se, ter filhos. A consequência disso é que, ao longo da vida, acabamos por reiterar que as relações afetivas e sexuais somente são “normais” entre pessoas de sexos opostos. Quem não se enquadra, sofre todo tipo de coerção – cultural, social, física, histórica e até financeira – que a/o obriga a “controlar” seus desejos. Contudo um desejo reprimido não desaparece; o que ocorre é que ele, na maioria das vezes, é escondido, podendo ressurgir com mais força num outro momento. Quando a **preferência sexual** é ocultada ou camuflada, ficamos totalmente à mercê das poderosas convenções sociais e da consequente repressão gerada quando cruzamos essa imaginária fronteira entre o gênero e a sexualidade.

O problema que temos à nossa frente é o de como lidar com a **diversidade sexual**, seja na escola, seja na sociedade em geral. Noutras palavras, como podemos aprender (e também ensinar) que, na verdade, são múltiplas as formas de vivenciar os afetos e a sexualidade? Isso implica dizer também que a heterossexualidade, ainda considerada como o padrão, continua a ser vista como a “única” maneira “correta” de expressão do erotismo e da união conjugal. Por isso não é nada fácil para alguém admitir que não é heterossexual, isto é, que é homossexual ou

bissexual. Quem sente um forte desejo por alguém do mesmo sexo (ou por ambos) se vê acuado pelo clima adverso que a/o condena como imoral ou pervertida/o, como anormal e até mesmo como doente mental.

*“Tive medo. Muito medo da reação dos meus amigos e de alguns familiares. Medo de que não me aceitassem e me olhassem diferente. Medo de que ficassem sabendo na escola, porque lá tenho colegas que podia perder. Não quero perder colegas, mas quero perder o medo.”*

Socialmente isolada, solitária e sem ter com quem se abrir, essa pessoa pode condenar em si mesma, com excessivo rigor e sentimento de culpa, aquilo que os outros dizem ser condenável. Isso acontece quando se vê e se julga estando totalmente impregnada pelo preconceito, e não pela sinceridade de seus desejos e afetos. E então ela se desvaloriza, foge de si e de seus sentimentos e chega até a negar-se como pessoa, muitas vezes autoflagelando-se psíquica e fisicamente.

Das três orientações sexuais mais conhecidas – a hetero, a homo e a bissexualidade –, a última é certamente a mais incompreendida. Novamente emerge o raciocínio binário, que, dessa vez em outro patamar, impõe uma escolha mutuamente exclusiva entre homo e heterossexualidade. A esse respeito, o próprio pai da psicanálise, Sigmund Freud, sustentava a ideia de que os seres humanos nascem abertos para o outro, isto é, são capazes de se interessar por ambos os sexos. Na concepção freudiana, somos todos/as bissexuais, pois nos é inerente a possibilidade de nos sentirmos atraídos/as pelos dois sexos. A sociedade, no entanto, por ter dificuldade de lidar com essa complexidade, empurra os indivíduos para “caixinhas fechadas”; elas/es têm de se encaixar em uma ou em outra. Esse mecanismo, como já foi dito, é eficiente para controlar as pessoas, tolhendo sua liberdade, reprimindo qualquer desvio e impondo uma meia felicidade.

Durante a adolescência, é comum que jovens tenham experiências com colegas do mesmo sexo. Isso não pode, de forma alguma, ser considerado uma comprovação cabal da orientação sexual de alguém, mas simplesmente um meio de buscar conhecer certas formas de satisfação e de tatear o imenso universo do desejo erótico e dos afetos ou também o momento

de uma descoberta, caso a/o jovem se sinta confortável com aquela experiência e queira repeti-la por ter se identificado a partir dela.

A confusão entre identidade de gênero e orientação sexual é recorrente. Quando achamos que um rapaz é gay por ser delicado ou revelar trejeitos efeminados, na verdade estamos assumindo equivocadamente que, por não se comportar de acordo com o rígido padrão masculino dominante, ele não é um “homem de verdade”. Uma garota interessada por determinados esportes, com opiniões definidas, cheia de iniciativa e que goste da companhia dos rapazes não é necessariamente lésbica. Por outro lado, alguém pode encarnar ao máximo os estereótipos de um gênero (por exemplo, um homem interpretar o “machão”), mas essa pode ser apenas uma forma de “despistar” para que ninguém desconfie de seus verdadeiros desejos. Não é, portanto, possível deduzir o caminho (apontar a seta) para onde se direciona o erotismo de alguém. Em qualquer caso, uma coisa é certa: apenas a própria pessoa pode saber (e declarar, se quiser) qual é sua orientação sexual.

São praticamente infinitas as variedades de estilo de comportamento, de identidades – entendidas como a imagem que se tem de si mesma/o e das/dos outras/os – e de atração afetiva e erótica. Essa pluralidade é a pedra de toque do universo colorido e amplo da diversidade sexual.

Durante muito tempo, os homossexuais masculinos foram “identificados” (muitas vezes até por eles próprios) por seus trejeitos considerados “femininos”; pode-se dizer o mesmo em relação às lésbicas, por seu comportamento visto como “masculinizado”. Assim como eles/as, travestis e pessoas transexuais permaneceram incompreendidas/os e eram duramente tratadas/os com desprezo, abuso e violência por não se encaixarem na heteronormatividade.

Atualmente, em função de todos os questionamentos, transformações e conquistas relativos **ao que é ser homem e/ou mulher**, que abrangem desde a cultura popular até o saber científico, as fronteiras começam a ficar menos nítidas e, conseqüentemente, o mundo a tornar-se mais arejado.

**Fonte:** CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em:  
[https://nova-escola-  
producao.s3.amazonaws.com/bGjqtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHe  
ySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf](https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjqtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHe ySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf). Acesso em: 11/05/2022.

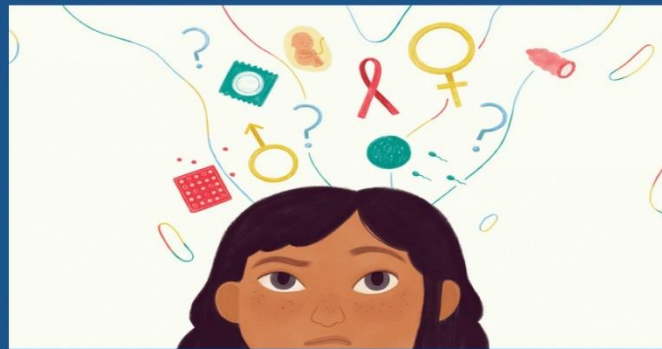
**APÊNDICE C:** Produto da dissertação: sequencia didática investigativa sobre a temática educação sexual no ensino médio.

---

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA - SDI

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA (SDI) SOBRE A TEMÁTICA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO

Orientação Sexual e Diversidade  
Sexual



Juliana Faria Rodrigues  
Rosane M.S de Meirelles





## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO -----	4
2. INTRODUÇÃO -----	5
3. A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA (SDI) -----	6
4. PARA SABER MAIS -----	14
5. APÊNDICES -----	15
5.1. Apêndice 1 Texto 1 – “Diversidade Sexual” utilizado na etapa 1 da sequência didática -----	15
5.2. Apêndice 2 Texto 2 – “Orientação sexual” utilizado na etapa 3 da sequência didática -----	16

## APRESENTAÇÃO

Material elaborado por Juliana Faria Rodrigues sob orientação da Prof. Dra. Rosane Meirelles como parte da dissertação "Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da abordagem investigativa: autocuidado e promoção da saúde no ensino médio" defendida no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO.

### Motivação

Em minha vivência na sala de aula já me deparei com algumas jovens adolescentes em situação de gravidez precoce em que, na maioria das vezes, essas jovens abandonaram a escola. Vivenciei também a necessidade e a busca dos meus alunos adolescentes por informações sobre métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e demais assuntos sobre saúde e sexualidade. Sempre dei abertura para que meus alunos ficassem à vontade para perguntar e sanar suas dúvidas, porém, o pouco tempo e um currículo a ser seguido na disciplina, por vezes me impede de aprofundar no assunto.

Acho fundamental a abordagem desse tema na escola, pois, muitas vezes a escola é o único espaço de socialização e aprendizado do aluno. Não é raro, alunos relatarem que não podem conversar sobre saúde sexual com suas famílias porque as mesmas não dão abertura para tratar tal assunto ou por causa da religião dos pais.

É urgente a quebra de tabus, e assim, espero contribuir com os dados desta dissertação, para que haja mais espaço para a temática educação sexual nas escolas, com a normalização desse tema e a capacitação de professores.



## INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase da vida onde ocorre maior mudança no indivíduo, tanto do ponto de vista social quanto individual. É nesse período que os jovens despertam para a sexualidade e se deparam com os conflitos referentes ao período de transição de uma criança para um indivíduo adulto. (MOREIRA, et al.,2008).

Pretende-se, no presente trabalho, utilizar uma proposta com abordagem investigativa para inserir os estudantes em todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Segundo Carvalho (2018), o ensino por investigação é definido como a aplicação e o desenvolvimento dos conteúdos programáticos através da criação de condições em sala de aula para que os alunos sejam capazes de pensar, argumentar, interpretar leituras criticamente e, por fim, escrever com clareza as ideias expostas acerca de determinado assunto.

Neste contexto, apresentamos esta sequência didática investigativa (SDI) para fomentar ações sobre a temática educação sexual no currículo do ensino médio.

### Objetivo

Fomentar a discussão da educação sexual para o ensino médio a fim de sensibilizar os estudantes com relação aos cuidados inerentes à sexualidade.



## A PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA (SDI)

Considerando o apagamento, já levantado por outros autores, de temas sobre diversidade sexual, questões de gênero, educação sexual, entre outros, consideramos relevante tal discussão e a proposta da seguinte sequência didática como forma de suscitar e dar luz sobre a importância do tema nas escolas.

A sequência didática poderá ser aplicada em diferentes espaços no ambiente escolar, iniciando-se na sala de aula e estendendo-se à sala de informática – para a coleta e organização de dados – posteriormente voltando para a sala de aula ou outro ambiente propício ao debate e levantamento de hipóteses.

A sequência didática tem três etapas/aulas distribuídas da seguinte maneira:

Aula 1 – Introdução à investigação



Objetivos da aula:

Possibilitar que os estudantes construam conceitos sobre educação sexual;

Comunicar seus argumentos sobre o tema em forma oral e com registros escritos;

Ler, escrever e sublinhar os pressupostos que embasam o conceito sobre educação sexual.

Tempo estimado da aula: dois tempos de aula de 50 minutos cada.

Trazendo repertório

Para iniciar a aula, o professor solicitará que a turma se divida em quatro ou cinco grupos menores, de tal forma que permita que circule livremente pelos grupos. O professor entregará para cada aluno um texto extraído do Caderno Escola sem Homofobia que fala sobre a diversidade sexual (ver Apêndice 1), porém, o título do texto e as partes que falam explicitamente “diversidade sexual” serão suprimidas, com o intuito de os alunos identificarem esse fenômeno com base no contexto geral trazido. A dinâmica de leitura será elencada no quadro; conforme os alunos forem realizando uma etapa, a outra será posta.

A primeira etapa consiste em tranquilizar os alunos, por ser um conteúdo novo, e o professor solicitará uma leitura rápida do texto, de dois minutos cronometrados, em que os alunos captarão um panorama do texto. Nessa etapa o professor deverá caminhar pelos grupos incentivando a leitura.

Com o tempo inicial encerrado, será elencada no quadro a segunda etapa, que consiste em uma leitura mais aprofundada e calma. O professor exemplificará que nessa etapa não haverá cronometragem e os alunos deverão ler calmamente o texto e marcar com o lápis os trechos que considerem mais importantes. Conforme os alunos forem realizando, o professor caminhará pelos grupos para motivar a realização da atividade. Os alunos deverão levantar a mão quando encerrarem a etapa.

Com essa etapa encerrada pela maioria dos alunos, o professor solicitará a terceira etapa, que é sublinhar as principais palavras de cada trecho marcado na etapa anterior. Por ser uma etapa mais rápida, terá em sequência a quarta etapa explicada. Nessa etapa os alunos deverão fazer registros livres: textos, desenhos, esquemas e outros, com base nas marcações e palavras-chave sublinhadas. Caso os alunos consigam encerrar a quarta etapa, o professor pedirá que, como desafio, criem perguntas sobre o texto como se eles fossem o professor.

Para finalizar essa dinâmica de leitura, o professor irá propor uma roda de discussão em que os alunos poderão debater o que entenderam do texto, o que acharam da atividade e lançar as questões que elaboraram aos outros colegas para assim ampliar as discussões. Por fim, o professor desvelará as partes suprimidas do texto para comparar com as ideias levantadas pelos alunos e poderá perguntar: “Como vocês aprenderam tudo isso, se eu não passei o conteúdo?” e os alunos perceberão que foram eles os protagonistas do processo de aprendizagem.



Para a continuação da sequência didática na próxima aula, os alunos deverão assistir um filme em casa. O filme ficará como tarefa para casa, pois assistir em aula tornaria a prática da SD muito longa. Para casa: Assistir ao filme “As Melhores coisas do mundo”.

O filme tem duração de 105 minutos e retrata a vivência e as dificuldades de um grupo de adolescentes numa escola de classe média brasileira. Questões como homossexualidade, primeira relação sexual, separação dos pais, amores, decepções amorosas e tentativa de suicídio são tratadas no filme. A intenção de exibir o filme é despertar nos alunos a reflexão sobre questões recorrentes em suas vidas.

## SINOPSE

Mano tem 15 anos, adora tocar guitarra, sair com os amigos e andar de bike. Um acontecimento na família faz com que ele perceba que virar adulto não é brincadeira. O bullying na escola, a primeira transa, o relacionamento em casa, as inseguranças, os preconceitos e a descoberta do amor transformam a adolescência numa travessia nada simples.

Apresentando: Francisco Miguez e Gabriela Rocha.

Participação especial: Paulo Vilhena, Caio Blat, Fiuk e Denise Fraga.

Com o roteiro de Luiz Bolognesi e direção de Laís Bodanzky, o filme é livremente inspirado na série de livros “Mano”, escritos por Gilberto Dimenstein e Heloisa Prieto.



Link do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=fga5vNFqOro>

## Aula 2 – Elaboração de resenha crítica e caixa de perguntas

Objetivos da aula:

Organizar e registrar informações por intermédio de resenha crítica.

Comunicar-se através da oralidade e escrita: de suposições, dados e conclusões.

Tempo de aula: dois tempos de aula de 50 minutos cada.

Primeiro Procedimento: Elaborando uma resenha crítica

Como atividade para essa etapa da sequência didática, será solicitado que os alunos elaborem uma resenha crítica sobre o filme seguindo o seguinte roteiro:

Introdução: indicação do tema abordado, local, época;

Desenvolvimento: indicação do conteúdo do filme (como os acontecimentos se desenrolam, mas sem narrá-los), intenção e público a que se destina;

Conclusão: indicação das dificuldades para entender o filme, se é interessante, se se destaca e se possui elementos em comum com sua vida.

O roteiro precisará ainda ter as seguintes características:

Descrição: reflete a capacidade de descrever o conteúdo do filme, dando o leitor a conhecer o tema abordado nele;

Concisão: reflete a capacidade de escrever um texto sucinto, mas completo;

Objetividade: reflete a capacidade de abordar o que é mais importante no filme resenhado;

Argumentação: no caso da resenha crítica, reflete a capacidade de expor ideias de forma organizada e a chance de convencer o leitor sobre elas.

A resenha crítica tem como objetivo desenvolver a capacidade de descrição e argumentação dos alunos, alguns dos pilares do ensino por investigação. A resenha será utilizada como uma das avaliações na sequência didática.

### Segundo procedimento: Caixa de perguntas

O professor apresentará aos alunos uma caixa de papelão (caixa de sapato encapada e decorada) que precisará ser preenchida com dúvidas sobre sexualidade, identidade de gênero, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis em folhas de papel. Essas perguntas deverão ser elaboradas pelos alunos, anonimamente, em casa e trazidas na aula seguinte para serem colocadas na caixa.

A caixa de perguntas ficará fechada com apenas uma pequena abertura/fenda para serem inseridas as perguntas elaboradas pelos alunos. A caixa será colocada numa mesa no centro da sala de aula para os alunos irem colocando suas perguntas. Essa caixa será aberta no próximo dia de aula da sequência didática.





### Aula 3 – Discutindo orientação sexual

#### Objetivos da aula:

Possibilitar que os estudantes construam conceitos em educação sexual.

Elaborar perguntas e suposições sobre os assuntos em estudo.

Comunicar-se através da oralidade e escrita: de suposições, dados e conclusões.

Tempo de aula: dois tempos de aula de 50 minutos cada.

#### Desenvolvimento:

O professor solicitará novamente que a turma se divida em quatro ou cinco grupos menores, de tal forma que permita que circule livremente pelos grupos. Será distribuído aos alunos um segundo texto sobre orientação sexual\* extraído do Caderno Escola sem Homofobia (ver Apêndice 2).

\* O texto é referente a “orientação sexual” como sendo opção sexual e não a orientação/informação sobre sexualidade.

Os alunos terão o tempo de 15 minutos para lerem o texto e grifarem os trechos que mais lhes chamarem a atenção (termos que lhes cause dúvidas e necessite de mais esclarecimento ou, até mesmo, trechos que lhes cause estranhamentos, discordância ou plena concordância).



Após a leitura do texto, cada grupo terá que fazer, numa folha separada, um glossário de termos e frases que destacaram no texto. Organizando-os numa tabela da seguinte forma:

Não entendi, preciso pesquisar!	Nossa, que estranho isso!	Discordo	Concordo plenamente
---------------------------------------	------------------------------	----------	------------------------

Após o preenchimento da tabela, as mesmas serão trocadas, ou seja, cada grupo receberá a tabela de outro grupo. Os grupos ficarão responsáveis agora por discutirem entre eles os pontos de convergência e divergência sobre o conteúdo da tabela deles em relação ao conteúdo da tabela do outro grupo.

Na coluna do “Não entendi, preciso pesquisar” os grupos precisarão ir em busca de informações para tentar explicar os termos ou trechos não entendidos pelos colegas. Caso alguém saiba, pode compartilhar seu conhecimento com a turma. Essa busca de informações pode ser na internet do celular (é preciso que os alunos tenham acesso ao wi-fi da escola para essa atividade) ou caso a escola tenha sala de informática, essa atividade pode ser realizada lá.

O professor mediará a pesquisa, orientando sobre a busca de informações em sites seguros e confiáveis. Os dados coletados e os pontos de convergência e divergência deverão ser preenchidos numa outra tabela como exemplo abaixo.



<p>Olha, pesquisei pra você!</p>	<p>Nossa, que estranho isso! Também achei/não achei.</p> <p>Achei estranho por isso, isso e isso.</p> <p>Achei normal por isso, isso e isso.</p>	<p>Discordo Também</p> <p>discordo por isso, isso e isso.</p> <p>Eu concordo por isso, isso e isso.</p>	<p>Concordo plenamente</p> <p>Eu também concordo por isso, isso e isso.</p> <p>Eu discordo por isso, isso e isso.</p>
--	--	---	---

Após essa etapa da sequência didática, as tabelas voltarão para o grupo de origem com as respectivas tabelas de respostas. Um representante de cada grupo ficará incumbido de ler para toda turma a tabela inicial, feita por eles, e a tabela resposta, feita pelo outro grupo.

#### Roda de conversa e abertura da caixa de perguntas

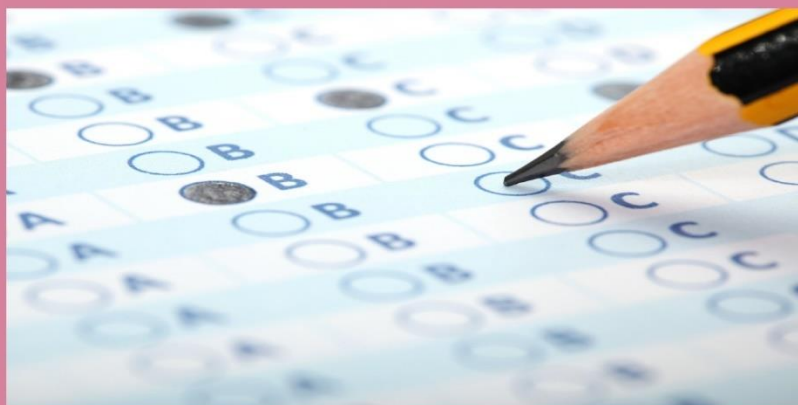
Para finalizar, os alunos comporão uma grande roda de conversa. Será aberta a caixa de perguntas e, no quadro, o professor elencará as perguntas dos alunos que estão na caixa. O objetivo é que os alunos sejam capazes de discutir e levantar hipóteses para tentar responder as próprias perguntas e até mesmo formular melhor as perguntas feitas anteriormente. O professor mediará o debate cuidando para que seja um momento democrático na exposição das opiniões e proposição de hipóteses.



Ao final dessa etapa, o professor fechará a atividade conscientizando a turma sobre a importância de se respeitar e ouvir a opinião alheia, as diferentes maneiras de pensar, assim como respeitar a orientação sexual de cada um.

Avaliação: Todo o desenvolvimento da sequência didática poderá ser avaliado pelo professor quanto a:

- Participação dos estudantes em cada etapa da sequência didática;
- Capacidade de organização das atividades e exposição de ideias;
- Resenha crítica do filme
- Autoavaliação.



## APÊNDICES

### APÊNDICE I

#### TEXTO I: Diversidade sexual - utilizado na primeira etapa da sequência didática

O ser humano e seus desejos: um abismo sem fim!

Você já parou para pensar em qual é o seu prato de comida favorito? Esta é uma informação que costumamos ter na ponta da língua! E, por mais que nosso paladar se deleite com uma ampla gama de sabores, alguns acabam por se tornar nossos favoritos. Algumas pessoas não vivem sem um bom pedaço de carne; outras se deliciam com massas – com destaque para pizza e lasanha; algumas são adeptas de iguarias mais refinadas ou exóticas, como a pupunha, o estrogonofe ou o sushi; há as que não vivem sem legumes e saladas; boa parte não dispensa o prato típico de sua região... e por aí vai. Em matéria de sabor, cada um de nós sabe o que lhe apetece tanto quanto aquilo que não lhe agrada.

Quando nos referimos à sexualidade, essa analogia pode ser bastante útil. Deixemos combinado, desde o princípio, que estamos falando de dois âmbitos muito distintos. Mas, ainda assim, para entender as diversas possibilidades do desejo sexual humano, essa comparação parece pertinente. Eis um exemplo banal: entre nós, brasileiras/os, arroz e feijão representam uma espécie de unanimidade nacional. Mas como lidar com o fato de que existem muitas pessoas a quem esses alimentos simplesmente não agradam? Ninguém ousaria dizer, em sã consciência, que se trata de um “problema genético”; ao contrário, isso nos remete a pensar na pluralidade de gostos, advinda da curiosidade e da liberdade que cada uma/um tem para experimentar outros sabores.

Mas o que isso tem a ver com sexualidade? Durante muito tempo se acreditou que ela fosse um fenômeno meramente natural, que ocorria entre os seres humanos de maneira análoga à das plantas e dos animais. Por isso considerava-se que a finalidade última da atividade sexual era a reprodução da espécie, e tudo que escapasse a esse “destino” era tido como algo anormal, um desvio.

Com o advento das técnicas de planejamento familiar e, em especial, com a descoberta da pílula anticoncepcional, a sexualidade passou a ser encarada com outros olhos, pois já era possível evitar a gravidez sem deixar de praticar sexo. Estava aberta a porta para uma reviravolta nos costumes desse campo, sobretudo a partir da década de 1960. Algumas pessoas se referem a essas mudanças como revolução sexual. Outras defendem que não foi bem uma revolução, pois as assimetrias de gênero e a dominação masculina ainda se mantêm.

Desde os primórdios da humanidade, já se sabia que, além de possibilitar a procriação, o sexo é também fonte de prazer. Contudo, e devido à posição diferenciada entre mulheres e homens na sociedade, as boas sensações resultantes da prática sexual eram exacerbadas no sexo masculino e desencorajadas e até mesmo reprimidas no sexo feminino. Essa distinção atingiu seu auge na chamada época vitoriana, na qual imperou um rígido moralismo a respeito do assunto, de tal modo que, em muitos casos, a mulher nem sequer chegava a se despir inteiramente para o ato sexual, porque qualquer sinal de desfrute de sua parte poderia ser interpretado como falta de pureza.

Vemos então, aqui, que a mesma assimetria de direitos e deveres na vida social, que discutimos ao abordarmos o conceito de gênero, se reproduz na esfera da intimidade. O homem era senhor do próprio corpo, o elemento ativo da relação, e a mulher devia permanecer submissa, representando o polo passivo, sem direito a sentir prazer.

Assim é que, também com o surgimento do feminismo e, por meio dele, emergiu uma forma de contestação da dominação masculina sobre a vida e o corpo das mulheres, fazendo emergir uma nova consciência, a partir da qual se passou a reivindicar, de um lado, a igualdade social e jurídica e, de outro, a simetria entre corpos no ato sexual. De acordo com essa visão, o fato de o pênis penetrar a vagina não implica superioridade ou inferioridade dos participantes do ato sexual.

A proposição feminista da igualdade de direitos entre homens e mulheres, tanto na vida pública quanto na doméstica, impulsionou o aparecimento de uma nova identidade social: homossexual. Os indivíduos dessa categoria social eram, até então, vistos como doentes, pervertidos e pecadores. Com relação aos do sexo biológico masculino, essa visão baseava-se em dois argumentos:

- 1 – seu comportamento social não era o que se esperava dos homens;
- 2 – o desejo de serem penetrados na relação sexual os tornava passivos.

Ou seja, em ambos os casos eles abriam mão de seu poder de “macho” para se sujeitarem ao suposto e imposto papel inferior das mulheres. Não é, portanto, casual que ainda hoje prevaleça, no imaginário social, a ideia de que uma/um homossexual é sapatão ou viado/bicha. Por isso toda vez que alguém tem uma atitude considerada imprópria a seu sexo, a vigilância heterossexista faz disparar um alarme para que a pessoa retorne ao “normal”.

O grande problema que temos à nossa frente com esse estado de coisas é que se estabelece aqui uma grande confusão entre o comportamento e o desejo. De maneira quase automática – e sem perceber que se trata da imposição de uma norma –, produz-se a crença de que quem se portar em desacordo com seu sexo irá também automaticamente se identificar como pertencente ao outro sexo e, em função disso, desejará alguém do mesmo sexo. A confusão se dá entre dois conceitos: identidade de gênero e orientação sexual.

Fonte: CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 11/05/2022.

## APÊNDICE II

## TEXTO II: Orientação sexual - utilizado na terceira etapa da sequência didática

“Há alguns anos me espantei. Já havia namorado alguns garotos. Um dia seguia por uma rua e me dei conta que olhava mais para garotas do que para garotos. Pensei muito, tentei tirar isso da minha cabeça porque parecia muito errado. Obriguei-me a olhar para garotos, homens. Não dava certo, não tinha jeito... Deixei essa ideia de lado. Hoje sigo pela rua olhando quem me atrai.”

Falemos agora da atração que sentimos – ou podemos sentir – por uma ou várias pessoas tanto afetiva quanto sexualmente. Trata-se de algo que está dentro de nós e que as outras pessoas só podem conhecer por aquilo que manifestamos desse desejo, é como um turbilhão de fantasias e paixões que não controlamos plenamente e, por meio dele, nos damos conta do tipo de pessoa que capta nossa atenção, mexe conosco. O interesse afetivo e sexual pode ser pelo sexo oposto (heterossexual), pelo mesmo sexo (homossexual) ou por ambos (bissexual). O mais importante é compreendermos que não se trata nem de uma essência – de algo que já nasce com a gente –, nem de uma opção – de uma escolha consciente e deliberada –, mas apenas de um atributo, um pequeno traço que compõe um todo muito maior, que é um ser humano, com toda a imprevisibilidade de seus desejos. Não há nenhuma diferença intrínseca, mas, pelo contrário, é um elemento, como a cor dos olhos ou o formato do nariz.

Quando empregamos aqui a expressão orientação sexual, estamos, portanto, referindo-nos à atração que um indivíduo sente por pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos. Ou seja, esse termo não tem relação alguma com a orientação dada por alguém, pela família ou pela sociedade quanto ao sexo pelo qual uma pessoa deva se sentir atraída.

“Comecei aos poucos a descobrir que estava apaixonada por uma amiga da escola. Fui me dando conta de que o que minhas amigas sentiam pelos rapazes que amavam era a mesma coisa que eu sentia por ela.”

Esse interesse pela/o outra/o desencadeia afetos (amor, aconchego, amizade, carinho), mas pode ser limitado ao contato corporal. Como, no entanto, nossa cultura nos ensina – e isso é algo realçado, sobretudo pelas religiões – que o desejo sexual só deve existir quando vinculado a um sentimento “maior”, reprimimos aquelas sensações que julgamos não cumprirem esse destino supostamente elevado, numa determinada ordem: conhecer, interessar-se, paquerar, apaixonar-se, casar-se, ter filhos. A consequência disso é que, ao longo da vida, acabamos por reiterar que as relações afetivas e sexuais somente são “normais” entre pessoas de sexos opostos. Quem não se enquadra, sofre todo tipo de coerção – cultural, social, física, histórica e até financeira – que a/o obriga a “controlar” seus desejos. Contudo um desejo reprimido não desaparece; o que ocorre é que ele, na maioria das vezes, é escondido, podendo ressurgir com mais força num outro momento. Quando a preferência sexual é ocultada ou camuflada, ficamos totalmente à mercê das poderosas convenções sociais e da consequente repressão gerada quando cruzamos essa imaginária fronteira entre o gênero e a sexualidade.

O problema que temos à nossa frente é o de como lidar com a diversidade sexual, seja na escola, seja na sociedade em geral. Noutras palavras, como podemos aprender (e também ensinar) que, na verdade, são múltiplas as formas de vivenciar os afetos e a sexualidade? Isso implica dizer também que a heterossexualidade, ainda considerada como o padrão, continua a ser vista como a “única” maneira “correta” de expressão do erotismo e da união conjugal. Por isso não é nada fácil para alguém admitir que não é heterossexual, isto é, que é homossexual ou bissexual. Quem sente um forte desejo por alguém do mesmo sexo (ou por ambos) se vê acuado pelo clima adverso que a/o condena como imoral ou pervertida/o, como anormal e até mesmo como doente mental.

“Tive medo. Muito medo da reação dos meus amigos e de alguns familiares. Medo de que não me aceitassem e me olhassem diferente. Medo de que ficassem sabendo na escola, porque lá tenho colegas que podia perder. Não quero perder colegas, mas quero perder o medo.”

Socialmente isolada, solitária e sem ter com quem se abrir, essa pessoa pode condenar em si mesma, com excessivo rigor e sentimento de culpa, aquilo que os outros dizem ser condenável. Isso acontece quando se vê e se julga estando totalmente impregnada pelo preconceito, e não pela sinceridade de seus desejos e afetos. E então ela se desvaloriza, foge de si e de seus sentimentos e chega até a negar-se como pessoa, muitas vezes autoflagelando-se psíquica e fisicamente.

Das três orientações sexuais conhecidas – a hetero, a homo e a bissexualidade –, a última é certamente a mais incompreendida. Novamente emerge o raciocínio binário, que, dessa vez em outro patamar, impõe uma escolha mutuamente exclusiva entre homo e heterossexualidade. A esse respeito, o próprio pai da psicanálise, Sigmund Freud, sustentava a ideia de que os seres humanos nascem abertos para o outro, isto é, são capazes de se interessar por ambos os sexos. Na concepção freudiana, somos todos/as bissexuais, pois nos é inerente a possibilidade de nos sentirmos atraídos/as pelos dois sexos. A sociedade, no entanto, por ter dificuldade de lidar com essa complexidade, empurra os indivíduos para “caixinhas fechadas”; elas/es têm de se encaixar em uma ou em outra. Esse mecanismo, como já foi dito, é eficiente para controlar as pessoas, tolhendo sua liberdade, reprimindo qualquer desvio e impondo uma meia felicidade.

Durante a adolescência, é comum que jovens tenham experiências com colegas do mesmo sexo. Isso não pode, de forma alguma, ser considerado uma comprovação cabal da orientação sexual de alguém, mas simplesmente um meio de buscar conhecer certas formas de satisfação e de tatear o imenso universo do desejo erótico e dos afetos ou também o momento de uma descoberta, caso a/o jovem se sinta confortável com aquela experiência e queira repeti-la por ter se identificado a partir dela.



A confusão entre identidade de gênero e orientação sexual é recorrente. Quando achamos que um rapaz é gay por ser delicado ou revelar trejeitos efeminados, na verdade estamos assumindo equivocadamente que, por não se comportar de acordo com o rígido padrão masculino dominante, ele não é um “homem de verdade”. Uma garota interessada por determinados esportes, com opiniões definidas, cheia de iniciativa e que goste da companhia dos rapazes não é necessariamente lésbica. Por outro lado, alguém pode encarnar ao máximo os estereótipos de um gênero (por exemplo, um homem interpretar o “machão”), mas essa pode ser apenas uma forma de “despistar” para que ninguém desconfie de seus verdadeiros desejos. Não é, portanto, possível deduzir o caminho (apontar a seta) para onde se direciona o erotismo de alguém. Em qualquer caso, uma coisa é certa: apenas a própria pessoa pode saber (e declarar, se quiser) qual é sua orientação sexual.

São praticamente infinitas as variedades de estilo de comportamento, de identidades – entendidas como a imagem que se tem de si mesma/o e das/dos outras/os – e de atração afetiva e erótica. Essa pluralidade é a pedra de toque do universo colorido e amplo da diversidade sexual. Durante muito tempo, os homossexuais masculinos foram “identificados” (muitas vezes até por eles próprios) por seus trejeitos considerados “femininos”; pode-se dizer o mesmo em relação às lésbicas, por seu comportamento visto como “masculinizado”. Assim como eles/as, travestis e pessoas transexuais permaneceram incompreendidas/os e eram duramente tratadas/os com desprezo, abuso e violência por não se encaixarem na heteronormatividade.

Atualmente, em função de todos os questionamentos, transformações e conquistas relativos ao que é ser homem e/ou mulher, que abrangem desde a cultura popular até o saber científico, as fronteiras começam a ficar menos nítidas e, conseqüentemente, o mundo a tornar-se mais arejado.

Fonte: CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009.  
Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 11/05/2022.

## PARA SABER MAIS

BRASIL. 2017. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista, Brasília.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais-Orientação Sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 72-110

CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 11/05/2022

CARVALHO, A. M. P. Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino por investigação. Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação – LaPEF – Laboratório de Pesquisa e Ensino de Física. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. RBPEC 18(3), 765-794. Dezembro, 2018.

CARVALHO, A. M. P. Ensino por investigação: as pesquisas que desenvolvemos no LAPEF. Laboratório de Pesquisa e Ensino de Física – LaPEF. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Experiências em Ensino de Ciências V.16, N.3. Dezembro, 2021.

FIGUEIRÓ, M. N. D Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. Revista Linhas, Florianópolis, v.7,n.1,2007.  
Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>  
Acesso em: 25 out. 2021.

FURLANI, Jimena. Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOREIRA, T. M. M.; VIANA, D. S.; QUEIROZ, M. V. O.; JORGE, M. S. B. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP 2008; 42(2): 312-320.

MOURA, F. P., & SALLES, D. C. O Escola Sem Partido e o ódio aos professores que formam crianças (des)viadas. Revista Periódicus, 1(9), 136-160 (2018).  
<https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25742>

OLIVEIRA, Maria Marly de. Sequência didática interativa no processo de formação de professores. Petrópolis: Vozes, 2013.

RIOS Roger R.; SANTOS Wederson. R. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. Psicologia Política. Vol. 8. Nº 16. Pp. 325 – 344. Jul – dez 2008.

TEIXEIRA, M. G. V. Caderno pedagógico-educação sexual na escola: desafios e possibilidades. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense – Produção didático-pedagógica. Secretaria de Educação do Governo do Estado do Paraná, 2010.

UNESCO – Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, 2014.53 p., il.Incl. Bibl. ISBN: 978-85-7652-189-1.

ZOMPERO, A.F.; LABURÚ, C.E. Atividades investigativas no ensino de ciências: aspectos históricos e diferentes abordagens. Rev. Ensaio | Belo Horizonte | v.13 | n.03 | p.67-80 | set-dez | 2011.

## **SOBRE NÓS**

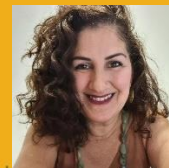
Autora da SDI: Juliana Faria Rodrigues



Formação e atuação profissional:

- Licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – Unifeso;
- Especialização em Ensino de Biologia pela Universidade Cândido Mendes;
- Docente na disciplina de Biologia como servidora no Governo do Estado do Rio de Janeiro;
- Atuo na coordenação de curso Técnico em Análises Clínicas no Centro Técnico e Profissionalizante Centena em Teresópolis – RJ.

Coautora da SDI: Prof.a Dra. Rosane M.S de Meirelles



Formação e atuação profissional:

- Bióloga, mestre e doutora em biologia celular e molecular;
- Orientadora nos Programas stricto sensu em Ensino de Biologia (Profbio - associada UERJ) e Ensino em Biociências e Saúde (IOC - Fiocruz);
- Docente no Departamento de Ensino de Ciências e Biologia (IBRAG - UERJ).

Esta SDI é um produto da dissertação de mestrado intitulada "Elaboração de sequência didática sobre educação sexual à luz da abordagem investigativa: autocuidado e promoção da saúde no ensino médio", defendida em agosto de 2022 no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biologia (Profbio – Associada UERJ).